

UNIVERSIDADE PAULISTA

**A COMUNIDADE YUBA:
VÍNCULOS INTERPESSOAIS E OS MEDIADOS
PELA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP para obtenção
do título de Mestre em Comunicação.

ANDRÉ LUIS NAKAMURA

SÃO PAULO

2013

UNIVERSIDADE PAULISTA

**A COMUNIDADE YUBA:
VÍNCULOS INTERPESSOAIS E OS MEDIADOS
PELA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Milton Pelegriani

ANDRÉ LUIS NAKAMURA

**SÃO PAULO
2013**

Nakamura, André Luis.

A comunidade Yuba: vínculos interpessoais e os mediados pela Internet / André Luis Nakamura - 2013.

98 f. : il. color.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista, São Paulo, 2013.

Área de Concentração: Redes Digitais, Cultura, Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Milton Pelegrini.

1. Comunidade. 2. Comunicação. 3. Tempo. 4. Internet.
5. Interferência. 6. Vínculos. I. Título. II. Pelegrini, Milton (orientador).

ANDRÉ LUIS NAKAMURA

**A COMUNIDADE YUBA:
VÍNCULOS INTERPESSOAIS E OS MEDIADOS
PELA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

_____/____/_____
Prof.Dr. Edilson Cazeloto
Cásper Líbero

_____/____/_____
Prof.Dr. Geraldo Carlos do Nascimento
Universidade Paulista – UNIP

_____/____/_____
Prof. Dr. Milton Pelegrini
Universidade Paulista – UNIP

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha esposa, Karin Sayuri Makiya, e à minha filha, Yasmin Nakamura. Minha esposa, por me acompanhar em toda a jornada que me trouxe a esta academia, e minha filha por ser o oxigênio que renova minha alma, reascendendo meus sonhos. E, principalmente, aos meus pais e a todos os professores que construíram meu caminho acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por me conduzir sob sua fraternal proteção em todos os caminhos que tenho percorrido na vida.

Agradeço aos meus pais, Seroku Nakamura (*in memoriam*) e Maria da Conceição Nakamura, por acreditar e ter interesse em minhas escolhas, sempre depositando fé na minha capacidade de realização.

Meu especial agradecimento ao PROSUP, por aprovar a bolsa de meu projeto, permitindo que eu pudesse continuá-lo; esta ajuda foi imprescindível.

Agradeço a todos os professores que tive a honra de conhecer em minha jornada como estudante, e pesquisador, foram muitos desde o primeiro contato como ambiente escolar.

Ao professor Dr. Milton Pelegrini faço meus especiais agradecimentos, pelo vasto conteúdo, e conhecimento que compartilhou em suas aulas, sempre de estimulando a liberdade de criação.

À professora Heloísa de Castro, da minha graduação, faço meus agradecimentos, por ainda durante o bacharelado, me apoiar em meu objetivo de seguir a vida de pesquisador.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado tem como objetivo apontar a vinculação por meio da comunicação comunitária, como reprodutora de tradições culturais em um grupo fechado e recém-incluído digitalmente. Buscou-se olhar a comunidade em momentos distintos em seu curso: um imediatamente após a instalação do acesso à Internet, e outro um ano e seis meses depois da inclusão digital. A proposta foi buscar indícios que pudessem apontar a interferência, ou não, que o acesso à rede de computadores causaria em um grupo social fechado e organizado em uma ideologia que se reproduz nos hábitos de seus membros por mais de duas gerações, e que até então não tem recebido a influência direta – não tenha se utilizado deste meio – da comunicação através da rede mundial de computadores. A fim de observar um ambiente no qual os valores ideológicos se reproduzem há décadas, formando a base para os vínculos e desvínculos de seus integrantes, foi-se a campo para conviver como membro temporário, em duas instâncias, na Comunidade Yuba. Esta tem peculiaridades que lhe conferem um *status* de grupo social fechado, e segue o mesmo modelo social há 77 anos. Por estar iniciando seu contato com a rede mundial de computadores há três meses da primeira visita do pesquisador, ofereceu possibilidade de análise em duas instâncias. O problema de pesquisa objetiva a busca de indícios da interferência, ou não, que a inclusão digital pode causar em um grupo social fechado e orientado em um ambiente no qual os valores que os une são repassados em uma lógica na qual a comunicação entre seus membros, e com outros indivíduos fora do grupo, é efetivada sem o uso do suporte informatizado. A principal questão é indagar se um suporte estruturado na lógica da informática pode alterar a utilização do tempo livre deste grupo. A dissertação envolveu pesquisa em campo e análise teórica, se orientando por meio de material acadêmico, artigos, jornais e observação do objeto em duas instâncias, uma imediatamente após a inclusão digital, e outra um ano e três meses depois deste evento. O quadro teórico de referência é formado por autores como Baitello Jr., Benjamin, Flusser, Morin, Norbert Elias, Pross e Tönnies, entre outros, e tem como base o pensamento sobre comunidade, vínculos, cultura, comunicação e cibercultura. Busca-se contribuir com uma visão crítica sobre os impactos da inclusão digital, pela análise na reação dos membros de um ambiente no qual a comunicação comunitária, livre deste suporte, orientou seus valores culturais.

Palavras-chave: Comunidade; Comunicação; Tempo; Internet; Interferência; Vínculos.

ABSTRACT

This Master's thesis aims to point out the linkage, through community communication, such as reproducing cultural traditions in a closed group and newly added digitally. We tried to look at the communities at different times in their course: one immediately after the installation of Internet access, and another one year and six months after the inclusion. The proposal was to seek evidence that could point to interference or not that access to the computer network would cause in a closed social group and organized into an ideology that breeds in the habits of its members for more than two generations, and until then has not received a direct influence - has not been used this way - communication through the world wide web. In order to observe an environment in which the ideological values reproduce for decades, forming the basis for the linkages and separations of its members went into the field to live as temporary member, in two instances, the Yuba Community. This has peculiarities that give a status of closed social group, and follows the same social model for 77 years. Why be starting his contact with the world wide web, there is a months of the first visit of the researcher, offered the possibility of analysis in three instances. The problem of research aims to search for evidence of interference or not, that digital inclusion can cause a closed social group and walked in an environment where the values are passed that unites them in a logic in which the communication between its members, and other individuals outside the group, is effected without the use of computerized support. The main question is to ask whether support structured logic of computing can change the use of free time this group. The thesis involved field research and theoretical analysis, is guiding through academic material, articles, newspapers and observation of the object in two instances, an immediate digital inclusion, and another one year and three months after this event. The theoretical framework consists of authors like Baitello Jr., Benjamin, Flusser, Morin, Norbert Elias, and Tönnies, Pross, among others, and is based on the thinking about community ties, culture, communication and cyber culture. We seek to contribute to a critical view on the impact of digital inclusion by analyzing the reaction of the members of an environment in which communication Community support of this free, guided their cultural values.

Keywords: Community; Communication; Time; Internet; Interference; Linkages.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - O momento de oração que precede as refeições.....	31
Imagem 2 - Moradores retiram, manualmente, a grama que nasce entre a lavoura.	39
Imagem 3 - Trabalhadores produzindo e fazendo manutenção em utensílios.	41
Imagem 4 - Da esquerda para direita: barraca da Comunidade Yuba e produtos artesanais Comunidade Yuba	43
Imagem 5 - Mitsue e seu artesanato em argila.	47
Imagem 6 - Masakatsu Yazaki tocando seu violino.....	49
Imagem 7 - Balé Yuba, academia dentro da Comunidade.....	49
Imagem 8 - Bon Odori 2012, Mirandópolis, Membros da Comunidade Yuba.	66
Imagem 9 - Oração 2011 – Três meses da inclusão digital (esquerda) e 2012, pós inclusão digital (direita).....	67
Imagem 10 - Manufatura/2011 – três meses de inclusão digital (esquerda) e 2012 – pós inclusão digital.	68
Imagem 11 - Arte/2011 – três meses antes da inclusão digital (esquerda) e 2012 – pós inclusão digital.	68
Imagem 12 - Imagem do Espaço Dedicado à Memória – Memorial Yuba.	75
Imagem 13 - Parte da biblioteca Yuba – Muitas obras no idioma/ideograma japonês	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. COMUNIDADE YUBA.....	20
1.1. O surgimento de um pensamento contra-hegemônico	20
1.2. A comunidade	25
1.2.1. A oração	29
1.2.2. Cultivar a terra	37
1.2.2.1. Mão de obra remunerada na comunidade	44
1.2.2.2. Mão de obra remunerada: separação de classes no micro ambiente	45
1.2.3. Amar as artes	46
2. TRANSMISSÃO CULTURAL E CIBERESPAÇO	53
2.1. Um ambiente de cultura contra-hegemônica	53
2.1.1. A transmissão cultural	54
2.1.2. O repasse cultural, e a contra-hegemonia na Comunidade Yuba	56
2.2. O ciberespaço.....	59
2.2.1. O ciberespaço e a subjugação	59
2.2.2. O ciberespaço e o isolamento, a sedação.....	63
2.3. Yuba e Internet	65
2.3.1. Yuba um ano e meio após a instalação da Internet.....	65
2.4. Antes e após a inclusão digital	67
2.4.1. A inclusão digital, um olhar sobre o Yuba	69
3. A VELOCIDADE E A VIOLÊNCIA OCULTA	72
3.1. A velocidade cooptando o ambiente de cultura	74
3.2. A velocidade percebida como benefício	75
3.3. A informatização do cotidiano e a aceleração	76
3.3.1. A informatização do cotidiano e a insegurança estrutural	77
3.3.2. A informatização e a individualização.....	80
3.4. O tempo e os vínculos	82
3.5. A reciprocidade nas ações.....	86
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	97

INTRODUÇÃO

O pensamento sobre identidade contempla a seguinte lógica, segundo Ely Chinoy (1980, p.51): “[...] o comportamento dos seres humanos revela padrões regulares e repetitivos, e os seres humanos são animais sociais e não criaturas isoladas”.

Chinoy aborda a questão da comunidade como um ambiente no qual os indivíduos, por meio das trocas sociais, quando se limitam a um grupo menor, acabam por compartilhar gestos, valores e sentidos com os outros membros. Reconhece-se, segundo o autor, que a maior parte das comunidades estudadas vincula-se em um espaço no qual possam estabelecer seu sustento pela produção agropecuária e, para dar manutenção a este modelo, a localização geográfica tem um papel fundamental. Assim, quando possível, busca-se o assentamento próximo a fontes de água, terra fértil e demais variáveis territoriais que possibilitem o estabelecimento de vínculo com o meio. O território passa a ser também um influenciador da identidade, pois as variáveis da escolha geográfica se imprimem na configuração das habilidades que deverão ser desenvolvidas coletivamente. Este pensamento também é encontrado nas obras de Norbert Elias (1994), *A Sociedade dos Indivíduos*. Elias apresenta a interpretação de que o indivíduo configura-se pela soma das variáveis do ambiente no qual ele desenvolve, ou desenvolverá o seu processo cognitivo, juntamente com suas características biológicas.

A escolha que leva indivíduos a se estruturarem em grupos sociais ou comunidades fechadas, pode ser também um processo de resistência ideológica contra a hegemonia¹. A citação a seguir leva a inferir que a comunidade, ao buscar um meio livre da “imposição” hegemônica, tende a estabelecer seu próprio ambiente “ideológico”, se apresentando como uma contra-hegemonia.

Segundo Althusser (1985), “ao que sabemos, nenhuma classe pode, de forma duradoura, deter o poder do Estado sem exercer ao mesmo tempo a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos do Estado”.

¹ Parafraseando Louis Althusser (1985): a hegemonia é exercida pelos aparelhos do Estado. Ela se articula tanto pela força física, por meio dos aparelhos repressores, como a polícia e o exército, quanto por instituições de imposição ideológica, como escolas, universidades e religiões, entre tantas outras, chegando até a família. Uma “força” assimilada automaticamente como se fosse algo natural. O indivíduo social não está livre das forças hegemônicas, o máximo que ele pode fazer é resistir a alguns de seus elementos, formando uma “nova” hegemonia.

O conceito de hegemonia de Gramsci² aponta esta como um processo no qual não há uma imposição direta da ideologia das classes dominantes sobre os outros grupos, mas onde ela articula o pensamento destes a sensação de que os valores hegemônicos podem ser inseridos na realidade de outros indivíduos de tal modo que a assimilação se apresente como um processo natural, ou seja, os valores não são forçados, e sim manifestados para que sejam absorvidos pela sociedade a ser “massificada” em suas ideologias. Tal poder em difundir uma ideologia totalitária como sendo pertinente para outras camadas da sociedade se configura como um discurso que retira parte da liberdade na diversidade comportamental, passando a organizar os indivíduos em um modelo social que possa atender melhor às demandas da classe dominante, sem maior resistência às forças hegemônicas.

A homogeneização do comportamento social serve aos interesses dos donos de toda cadeia de produção industrial e cria valores que resultam em indivíduos organizados em classes de consumo. Por meio de inúmeros veículos os *media* de massa passam a estabelecer quais serão os desejos e os modelos a serem absorvidos pelo cidadão, permitindo que este seja classificado segundo parâmetros que são criados por órgãos que não representam a totalidade do pensamento da população, mas que servem aos detentores do poder. Esta sincronização midiática serve como uma ferramenta para os meios de produção em massa³.

Ainda, no tema hegemonia, podemos citar o seguinte:

O termo “hegemonia” aparece em Lênin, pela primeira vez, num escrito em janeiro de 1905, no início da revolução. Diz ele: “Segundo o ponto de vista proletário, a hegemonia pertence a quem se bate com maior energia, a quem se aproveita de toda ocasião para golpear o inimigo; pertence àquele cujas palavras correspondem aos fatos e que, portanto, é o líder ideológico da democracia, criticando-lhe qualquer inconsequência” (GRUPPI, 1978, p.11).

² Busca-se, nas Obras de Louis Althusser e Luciano Gruppi, a luz para compreensão sobre o conceito de hegemonia de Gramsci.

³ O professor Dr. Norval Baitello Jr. apresenta o conceito de Iconofagia, no qual a imagem consome os indivíduos, ou seja, a sociedade deixa de viver segundo suas premissas, ou seus valores, e passa a se regular por “valores” determinados pela massificação midiática. Vive-se como uma imagem para atender ao sistema. A sociedade, grosso modo, acaba se reduzindo a um espetáculo – segundo Guy Debord (2003).

Por entendimento na obra de Gruppi (1978), e retirando a temática “militar”, é possível inferir que a dominação ideológica se reproduz pela coerência ou aceitação dos seus preceitos em relação à sua aplicação prática. Quanto mais os aparelhos de convencimento estiverem alinhados ao mesmo ideal, e assim difundirem tais ideologias como uma verdade a ser aceito-absorvida, maior será a sua adesão e reprodução no comportamento social e/ou individual. O não questionamento ao modelo social estipulado pelos poderes em exercício resulta na condição de “cidadão”, ou seja, aquele que está apto a exercer todas as atividades convencionadas pelo grupo que o domina. Em contraponto, o crítico olhar para os aparatos e a escolha pela oposição declarada e exercida, implica em sanções que podem ir da repressão direta, pelo meio da força bruta – em caso do indivíduo deixar de cumprir convenções obrigatórias por determinação das leis do aparelho –, ou do afastamento social resultante do estranhamento dos outros elementos que se organizam e sincronizam suas agendas seguindo todas as regras sociais orquestradas pela ideologia dominante.

Não podemos ignorar que o poder e a hegemonia têm a mídia de massa como instrumento de sincronização e controle. Busca-se, em Debord (2003), a luz ao pensamento de como a força dominante faz uso de tal ferramenta como uma “redoma” invisível, mas que tem a propriedade de impactar sobre a orientação e o senso/impressão de mundo por parte dos seres sociais – na era da comunicação mediada por veículos abrangência em massa.

Segundo Guy Debord (2003, p. 9), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”⁴. Vive-se em um ambiente no qual a sociedade deixa de estabelecer, por meio das trocas sociais dadas nos limites de seu ambiente, quais são suas reais necessidades, tanto no campo das interações, quanto na área do consumo, para que as produções da mídia de massa passem a orientar os modelos de vínculos e desvínculos. O cidadão perde gradativamente a autonomia em expressar seus valores, ou manifestar as

⁴ Em sua obra, Guy Debord trata o Espetáculo em meios como a TV, rádio e veículos de comunicação em massa, mas não apresenta o ciberespaço, nem a Internet. A apropriação do conceito de Debord para o que se relaciona ao objeto de estudo é uma inferência do pesquisador, que interpreta a Internet com uma lógica orientada para abrangência de massa e com recursos tecnológicos semelhantes aos outros suportes apontados pelo autor.

necessidades inerentes ao seu meio, seja pelo modo como iniciou seu contato com o mundo, ou pela sua maior ou menor tendência em adotar um modelo a outro⁵.

Pensando a sociedade capitalista como um ambiente que oferece liberdade na escolha do modelo de vida de cada cidadão, desde que este seja pertinente ao conjunto de variáveis que resultam da organização em classes, pode-se iniciar reflexões que ofereçam base para a conexão entre a identidade e a escolha pelo convívio em uma comunidade separada das convenções sociais comuns ao modelo estabelecido para sociedade de consumo ou do espetáculo.

Para Bauman (2003), viver em comunidade aponta para a busca de segurança afetiva, pois o compartilhamento do mesmo espaço, tanto físico quanto social, em um ambiente relativamente estável, retira as tensões pertinentes às adaptações emocionais e comportamentais a que todo indivíduo está sujeito ao conviver com outros elementos das mais diversas camadas socioeconômicas. Pensando em comunidade, pode-se considerar que um grupo social fechado e organizado em um sistema de valores que não é funcionalizado pela mídia de massa pode oferecer um campo para o estudo dos vínculos e desvínculos sendo organizados por uma dinâmica na qual o ser humano os consolida sem que haja interferência de um sistema totalizador e/ou hegemônico. Ao retirar a imposição de um ambiente organizado pelo simulacro, ou pela iconofagia⁶, o resultado das interações “retorna” para a dinâmica das trocas humanas não mediadas por uma entidade.

Na busca de um ambiente no qual a mídia de massa não determine como que as pessoas devam se organizar socialmente, no sentido do valor que será atribuído

⁵ Norbert Elias, em a Sociedade dos Indivíduos, trabalha com o aspecto da formação do indivíduo. O autor considera a sociedade, a formação familiar e até mesmo os aspectos biológicos análogos, que impelem os indivíduos para as escolhas diante da sociedade.

⁶ Sempre que o termo iconofagia for utilizado nesta pesquisa, virá apoiado nos estudos do professor Dr. Norval Baitello Jr., e se apresentará como um termo para buscar, à luz de Norval, apresentar uma sociedade que está entorpecida pela *media*, uma sociedade que foi absorvida pela imagem, na qual não produz sentido pela imagem de si, mas busca sentido em imagens produzidas pela *mass media*.

para a imagem que é representada na mídia primária⁷, e também no qual o valor simbólico, resultante de um ambiente predominado pelo valor de troca, não é o pano de fundo para as relações, a pesquisa contemplou um grupo social formado por nipo-brasileiros, conhecido como Comunidade Yuba. Esta foi fundada em 1935 por Isamu Yuba, um imigrante japonês que idealizou uma sociedade livre da necessidade do valor de troca, na qual todos pudessem se vincular por três pilares básicos (os quais são fundamentais para que alguém seja admitido ou aceito como membro): “cultivar a terra, orar e amar as artes” (YUBA, 1906-1976), assim como viverem livres da circulação interna de dinheiro.

O ambiente social que se faz objeto desta pesquisa tornou-se possível pela imaginação e pelo pensamento de Isamu Yuba, ao desembarcar no Brasil com o ideal de formar uma comunidade, a Comunidade Yuba.

Leitor de Marx, Tolstói e Rousseau – sendo uma das obras deste último, *Émilio* ou *Da Educação*, o gatilho de sua inspiração, conforme será visto mais adiante –, Isamu sonhou com um ambiente no qual a propriedade não existiria no sentido de posse individual, a divisão do fruto do trabalho seria horizontal, e este determinado pela vontade de seus membros em se vincular por um interesse comum, e não pela obrigação. Não se trabalharia por salário, mas sim pela manutenção das necessidades coletivas, e estas seriam contempladas como: alimentação, educação, higiene, lazer, moradia, saúde e desenvolvimento artístico. Assim foi criada a Comunidade, que hoje está estabelecida no município de Mirandópolis, 600 quilômetros a noroeste da capital paulista.

Esta pesquisa contempla o entendimento sobre as variáveis que mantêm a estabilidade deste grupo, assim como os valores e convenções que se apresentam como vinculadores interpessoais, sendo que os vínculos e desvínculos ocorrem não

⁷ Harry Pross – O corpo se apresenta como mídia primária, na teoria da *mídia* de Pross, sendo que o corpo como mídia primária tem sua temporalidade no presente, e todos os sinais que ele emite, sejam gestos, odor e voz, acontecem no presente, e apenas no presente é possível se vincular com a mídia primária por outra mídia primária sem que haja algum suporte mediador, qualquer outra leitura da mídia primária que se desencaixe do presente terá como suporte as mídias secundárias e terciárias. A secundária, sendo uma extensão da primária, ainda mantém a característica de poder ser compreendida, pela primária, sem a necessidade de um aparato que seja construído para codificação ou decodificação, ou seja, não requer o uso da tecnologia para que o sinal emitido pela primária possa ser entendido. Nesta pesquisa, as duas primeiras mídias recebem atenção por ser o principal veículo de vinculação e propagação cultural, dentro e na comunidade objeto do estudo.

apenas pela dinâmica isolada de um ambiente e seus membros. Valores pessoais e subjetivos são determinantes para a cumplicidade de um grupo social, e no caso dos membros da Comunidade Yuba, o pensamento hegemônico apresentado pela mídia de massa não se faz como um imperativo, que tenha força dominante, presente nos gestos e valores que organizam a rotina e as convenções sociais, e que servem como base para os vínculos entre cada integrante, assim como para os visitantes, ou “membros temporários”⁸, que sazonalmente compartilham da rotina na Comunidade.

A leitura que se faz é a de que os seus membros reproduzem, sem maiores desvios, os princípios e valores sonhados por Isamu. Parte-se do princípio, com base na teoria da *media*, de que a vinculação dada em um ambiente no qual a mídia primária e a secundária são os principais suportes de comunicação⁹ – esta dissertação apresentará um tópico sobre teoria da *media* –, a transmissão cultural é orientada pela oralidade e pela gestualidade, assim como outras informações que se inscrevem fora do corpo, mas que por ainda estarem inscritos em suportes não eletrificados, podem ser interpretados e significados sem o auxílio de um suporte que demande o aprendizado, e/ou a dependência de recursos que estejam ligados com a lógica da produção em massa, ou de um proprietário isento ao ambiente, modelo que não se aplica aos valores da Comunidade.

Então vejam o que é a mídia primária. O nosso corpo é de uma riqueza comunicativa incalculável. (...) Ou seja, a mídia primária para funcionar exige que estejamos no mesmo espaço e no mesmo tempo do interlocutor. Se nada adiantaria falar em um espaço enquanto os ouvintes estivessem em outro, pois não haveria a comunicação – a não ser por meio de aparelhos, artefatos e recursos extra corporais. Então, a mídia primária – a voz, o cheiro, o gesto e o gosto – tem um limite temporal e espacial, exige o tempo e o espaço do aqui e do agora (BAITELLO JR., 2005, p.32).

Os membros mais velhos no grupo repassam aos seus sucessores e aos entrantes – membros que chegam ao ambiente com outra dinâmica cultural –, a filosofia de Isamu sem que a idade ou a condição socioeconômica possa ser um

⁸ Para entrar na Comunidade, são considerados alguns requisitos como compreender o idioma japonês e ter um propósito (motivo que conduziu a intenção de conviver com a Comunidade), e receber a análise de Satiko Yuba, responsável pelas autorizações dos ingressantes temporários.

⁹ Toda citação às teorias sobre mídia primária, secundária e terciária estão fundamentadas nos estudos da teoria da *media* de Harry Pross, por meio das obras de Norval Baitello Jr.

entreve para que esta cultura se reproduza e se propague dentro dos seus limites territoriais.

A cultura da Comunidade Yuba, ao se manter por intermédio dos meios primários e secundários, se desenvolve coerente com os valores que atribui a si, ou seja, o valor de uso é contemplado como parte integrante da filosofia pensada por Isamu, ainda que não seja verbalizado ou documentado. O modelo que se observa é o de utilização de recursos para a manutenção de necessidades básicas, de valores objetivos e não de valores apoiados no capital simbólico, onde a imagem ou gestos que valorizam a simulação e o simulacro¹⁰, orientados pela *mass media*, possam estar presentes. Mesmo com a presença de aparelhos de televisão, do rádio e de telefone fazendo parte do cotidiano dos habitantes há anos, a cultura que dá identidade a seus membros se mantém presente nos gestos diários, tanto os narrados em obras de outros autores, como o que foi observado pelo pesquisador.

A pesquisa sobre uma comunidade que pudesse ter resistido, em seus pilares ideológicos, a todas as mudanças que a modernidade¹¹ impõe como um imperativo hegemônico, conduz o olhar para o Yuba como um grupo de resistência ideológica contra-hegemônica, que se mantém estável e organizado em seus valores. Esta Comunidade foi idealizada e iniciou sua estruturação em 1935, com a proposta de ser uma fazenda onde imigrantes japoneses pudessem se dedicar ao cultivo da terra, à oração e às artes, em um ambiente que não privilegiasse a propriedade individual. Também onde o idioma da terra natal, o Japão, pudesse ser mantido, assim como seus valores socioculturais, juntamente com o pensamento sobre Comunidade de Isamu: retirar da terra tudo que fosse necessário para o sustento, e o fato de cada pessoa tendo espaço para manifestar seus dons artísticos e a fé, como elementos unificadores. Mais de sete décadas se passaram e o que se observa hoje na Comunidade Yuba, é que todos estes valores fazem parte de sua rotina.

¹⁰ Jean Baudrillard, 1981. Na obra *Simulação e Simulacro*, o autor expõe a questão da sociedade influenciada por representações disseminadas pela *mass media*, que distorcem o senso entre o real e as representações criadas em um ambiente artificial: imagens artificiais e comportamentos “simulados”. Enfim, a retirada da naturalidade nos gestos.

¹¹ Anthony Giddens, em *Modernidade e Identidade*, oferece bom material para reflexão sobre as forças que movimentam a dinâmica social na modernidade, pressionando o ajuste da identidade dos personagens, devido às trocas nas posições sociais, que são impulsionadas pela dinâmica do capitalismo.

A fim de confirmar o que há escrito e divulgado sobre a Comunidade, e como ela se apresenta por meio de informativos em um portal e em um impresso assinado por Masakatsu Yasaki, responsável pela comunicação escrita sobre a memória do Grupo, o autor desta pesquisa passou uma semana, em maio de 2011, em convívio com seus membros, como integrante do Yuba. Em princípio, o primeiro contato foi auxiliado por uma matéria do jornal O Estado de São Paulo¹², da qual se partiu em busca de informações, chegando ao e-mail da fotógrafa Lucille Kanzawa. Pela troca de e-mail com Lucille, um contato com a Sra. Satiko Yuba foi efetivado, assim a autorização para entrar na Comunidade como “membro temporário”, foi concedida.

Segue-se então em direção à Comunidade para passar uma semana entre seus membros, buscando participar da rotina diária de um morador para observar elementos que pudessem evidenciar a presença da cultura pensada por Isamu, tendo como base do conhecimento desta cultura, apenas o que havia sido lido em uma matéria do jornal O Estado de São Paulo, a fim de evitar chegar até o ambiente de pesquisa com muitas imagens formadas na imaginação, e que pudessem influenciar o modo de olhar e o que observar – pois a dinâmica da estrutura da Comunidade se organiza em valores que carregam características particulares aos objetivos do seu fundador, e não pode ser explicada em uma matéria jornalística. Seguindo esta lógica, o pesquisador foi a campo com o foco de observar o máximo de ações coletivas que pudessem traduzir o modelo de vinculação deste grupo, buscando entender como um ambiente culturalmente “fechado” poderá interagir com o ciberespaço, sendo o segundo determinado pela lógica da produção em massa e apoiado na sincronização midiática.

Por meio deste breve convívio foi possível confirmar, posteriormente com informações mais aprofundadas, que a narrativa sobre a vida comunitária que é apresentada em literatura¹³ sobre a Comunidade, tem informações compatíveis ao que se apresenta à lente do pesquisador. Assim se inicia uma visão crítica sobre o Yuba, apoiada em literaturas e bibliografias que contemplam elementos pertinentes aos vínculos e desvínculos em comunidades, tendo como ponte fundamental a comunicação.

¹² VEIGA, Edison; SIQUEIRA, Chico (2010).

¹³ As literaturas base para cruzamento dos dados são: Lucille Kanzawa, YUBA 2010, e Larissa Ogussico Tsuboi, 185 Dias em Yuba, no qual os autores apresentam detalhes e peculiaridades que se fazem possíveis devido ao longo convívio com a Comunidade.

Em 2011, uma nova variável de ambiente chegou à Comunidade, a Internet por sinal de rádio, oferecendo conexão de alta velocidade ao computador comunitário, assim como a possibilidade da utilização de notebook pessoal para o acesso a rede mundial de computadores. O computador, isoladamente, já é um suporte inserido em uma lógica dissonante com os valores tradicionais do Yuba e, quando se conecta à Internet abrindo todas as possibilidades que o ciberespaço oferece, passa a ser um meio que se configura em uma lógica diferente da que orienta este grupo.

No ciberespaço, alguns elementos passam a ter um sentido divergente: o tempo não é tempo, já que este se insere na velocidade absoluta da conexão feita na velocidade similar à da luz, o espaço não é espaço, pois não há território nem fronteiras e o sinal vai de todos continentes para múltiplos destinos simultaneamente, sem estabelecer ou determinar o território no qual “ele está”. O suporte coopta para sua lógica o sentido do vínculo, mas o que há é uma conexão. Esta variável orientada pela lógica da produção em massa, e inserida em um ambiente no qual a imaginação se reproduz pela mídia primária e secundária¹⁴, mantendo a unidade e a coesão de um grupo com valores ideológicos contra-hegemônicos, traz para o ambiente de pesquisa o questionamento sobre até que ponto a inclusão digital pode influenciar uma comunidade fechada em uma cultura que resiste 77 anos, até então reconhecida pela coerência entre a narrativa sobre seus pilares ideológicos e sua rotina, tanto por seus membros quanto por pesquisadores e demais personagens que regularmente buscam compreender a dinâmica deste grupo.

Busca-se uma análise por meio da comunicação, tendo como instrumento a observação e informações documentais de como se articula o encontro de dois ambientes estruturados em lógicas dissonantes.

A Comunidade Yuba se vincula por um modelo de comunicação no qual os meios primários e secundários são base para a relação interpessoal. Como pano de fundo, o ambiente comunicacional está embasado em uma economia onde o capital simbólico não pressiona os hábitos dos moradores, no qual o pensamento sobre a

¹⁴ É importante ressaltar que a mídia terciária está presente no ambiente, seja direta e indiretamente. O que se busca apresentar é que esta não se faz presente – no sentido de mudar os hábitos de relações e consumo – no cotidiano da Comunidade.

divisão coletiva do fruto da produção é compartilhado e relativamente livre. Há o compromisso em colaborar por meio da mão de obra, mas não existe pressão quanto ao volume de esforço que deve ser ofertado.

O ciberespaço se apresenta em suportes, físicos ou não, da mídia terciária, sendo configurado em um modelo de economia fundamentado no valor de troca, sob um pensamento hegemônico que o apresenta como “indispensável” para os atuais modos de conexão e comunicação. Este, ainda se torna obsoleto rapidamente. Tal característica determinada pelo mercado, e com potencial de excluir, ou tornar menos “eficaz” os personagens que dependem deste suporte para suas atividades sociais e não podem acompanhar a incessante corrida pela atualização que determina quem continuará ou não, eficazmente conectado.

A pesquisa contempla a oportunidade de observar o exato momento no qual a Internet de alta velocidade passa a fazer parte do cotidiano de uma Comunidade reconhecida por se vincular pela tradição, e segundo os fundamentos do seu fundador, característica que estabelece a seleção dos seus membros. Busca-se compreender qual será a reação deste grupo social ao passar a compartilhar seu tempo social com o ciberespaço, levando em consideração que a cibercultura tem conexão com a cultura de massa e, por se reproduzir sob a lógica de mercado, se mantém em constante obsolescência. Essa organização se articula tanto pelo suporte que fica ultrapassado para atender a velocidade de processamento exigido para a conexão, que requer sempre mais fluxos para acompanhar a “sofisticação” dos *softwares*, quanto à constante adaptação do usuário para o “domínio” na utilização do sistema, sistematicamente em atualização.

Para trabalhar com a questão da crítica ao ciberespaço, e/ou inclusão digital, o projeto se apoia em autores que façam referências a este modelo de comunicação e às teorias da mídia, entre as quais estão as obras de Baudrillard, Norval Baitello Jr. e Flusser, assim como demais acadêmicos e pesquisadores no campo da comunicação e suas teses. O objetivo é do pensamento crítico quanto a real necessidade de um suporte que retira a autonomia dos sentidos, se fazendo necessário à decodificação da mensagem no ambiente da comunicação.

A abordagem sobre comunidade e sociedade contemplará os autores Chinoy, Bauman, Simmel, Tönnies, Benjamin, Mauss, Norbert Elias, Durkheim e Guy

Debord, entre outras obras que serão citadas ou referenciadas em tópicos pertinentes ao seu campo de estudo e que se façam necessárias na construção do pensamento para esta dissertação.

Na busca da compreensão sobre o a filosofia que estimula o fundador na produção e reprodução de um ambiente de cultura contra-hegemônico, a inspiração é feita na obra *Émilio* ou *Da Educação*, de Jean-Jacques Rousseau. Este autor é citado em uma obra como sendo um gatilho para que Isamu iniciasse o pensamento sobre Comunidade.

1. COMUNIDADE YUBA

1.1. O surgimento de um pensamento contra-hegemônico

Isamu Yuba, um imigrante japonês, com 20 anos de idade desembarca no Brasil, em 1926, trazendo na bagagem um objetivo planejado e representado em sua imaginação e tendo como meta formar uma comunidade onde todos seus membros pudessem viver livres da propriedade individual e independente da circulação de moeda. Tudo que fosse necessário para suprir as necessidades do grupo seria obtido pelo cultivo da terra. Sua ideologia não se limitaria à simples manutenção das necessidades físicas, pois a arte e a fé também estavam contempladas em seu imaginário, e viriam a se manifestar pela música, pelo artesanato, pela dança e pela oração.

Compreender como se inicia a história de Isamu, ainda que de forma resumida, é um meio para buscar o entendimento sobre como surge seu pensamento em formar a Comunidade que levaria seu sobrenome.

O livro Yuba (KANZAWA, 2010) ¹⁵, narra que Isamu conheceu a obra *Émilio* ou *Da Educação*, por volta dos 19 anos de idade, enquanto vivia no Japão, e motivado pela filosofia iluminista de Jean-Jacques Rousseau, passou a contemplar o pensamento deste autor como um manual para o modelo de vida orientado pela liberdade. Um trecho deste livro é citado por Kanzawa como sendo a frase que desperta o interesse de Isamu pelo autor: “A Liberdade não está em nenhuma forma de governo; está no coração do homem livre. Ele a carrega por toda parte” (KANZAWA, 2010, p.10).

Martín-Barbero (2009) escreve sobre a hegemonia e sua relação com a comunicação e a cultura, e recorrendo à sua obra, e com auxílio de mais autores, é possível apresentar algumas linhas que levam a refletir sobre o ideal contra-hegemônico de Isamu, com o surgimento da ideologia que viria a configurar uma Comunidade e seu ambiente de cultura. “[...] a originalidade da cultura popular

¹⁵ A ênfase para a autora, neste parágrafo, é decorrente de sua proximidade, e vínculo, de longa data, com a Comunidade Yuba, trazendo elementos que resgatam momentos passados e não possíveis de serem observados e/ou assimilados pelo pesquisador.

residiria essencialmente em sua autonomia, na ausência de contaminação e de comércio com a cultura oficial, hegemônica” (BARBERO, 2009, p.40).

Ao compreender a cultura oficial como o ambiente determinado por convenções sociais que estejam alinhadas aos aparatos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 2007), é necessário levar em consideração que os poderes dominantes, tais como: o Estado, instituições religiosas e de ensino, entre outras que tenham como base ideológica o ambiente da “política”, exercem o controle sobre os aspectos pertinentes à cidadania, e pressionam todos para uma cultura de massa e estetizada¹⁶. Citando Walter Benjamin: “No momento que a experiência coletiva se perde em que a tradição comum já não oferece nenhuma base segura, outras narrativas tornam-se predominantes” (BENJAMIN, 1996, p.14).

Há uma conexão lógica se compararmos este trecho da obra de Benjamin, com a frase de Rousseau que inspirou o fundador da Comunidade Yuba: “A Liberdade não está em nenhuma forma de governo; está no coração do homem livre. Ele a carrega por toda parte” (KANZAWA, 2010, p.10).

Para Benjamin, a tradição é que deve oferecer a base ao desenvolvimento dinâmico na cultura de um povo. Depreende-se que ao pensar a importância da experiência coletiva como uma base de entendimento comum, que permite um ambiente seguro para as trocas sociais, Benjamin aponta para o mérito dos vínculos debruçados no repasse cultural, na conexão entre os personagens e o meio no quais estes dividem seus ideais e valores. Ao passo que a experiência coletiva é dada em um *óikos*¹⁷ comum, a sincronização com os valores se estrutura segundo as reais necessidades para a manutenção de tal sociedade, ou grupamento.

O Estado regula valores, regras e ações e, ao se colocar como um “mediador” determina o que é importante para que o indivíduo esteja inserido socialmente e possa ser visto como um cidadão. Este sistema, “organizado”, tem um viés de sincronizador cultural, em tese, cria valores análogos que permitam um melhor controle social, ao qual o indivíduo fica pressionado a se orientar por um discurso,

¹⁶ Walter Benjamin (1892-1940): O autor reflete sobre uma sociedade estetizada, na qual a política tem um sentido de imposição, onde o cidadão é formatado segundo as necessidades do Estado.

¹⁷ Palavra de origem grega e tem o significado de lar, ambiente cultural no qual os indivíduos se inserem. Meio ambiente formado por pessoas e seus valores, sentidos e vínculos.

muitas vezes, incompatível com suas reais necessidades, mas que poderia torná-lo isolado socialmente ao tentar resistir.

Romper com as raízes ou com os valores que foram construídos e/ou constituídos por meio de repasses culturais, entre gerações e orientados por experiências que vão moldando a identidade de um grupo ou uma sociedade, abre espaço para que valores vinculados à cultura de massa passem a fazer parte do cotidiano e da formação cultural dos indivíduos, afastando-os de sua origem ou da dinâmica social específica de seu meio. O cidadão passa a responder por estímulos disseminados pelos aparelhos de “controle”, acabando por ser formatado segundo uma ordem social hegemônica.

Isamu funda uma Comunidade na qual seus integrantes são japoneses e vivem sem a necessidade, interna, da circulação de moeda, ao mesmo tempo em que, diariamente, cultivam a terra, amam as artes e oram.

Uma ideologia que se afasta do senso comum sobre a sociedade organizada por valores hegemônicos, orientados pelo Estado e forças dominantes, tais como corporações e mídia de massa.

O pensamento de um homem sujeito à imposição hegemônica do Estado já se apresentava como uma das discussões na obra de Karl Marx (O Capital, 2003), parafraseando um trecho desta obra: o homem sofre pressão de um Estado que o sujeita a se organizar em classes, sendo que por meio da sua força de produção e da sua capacidade de compra, entre outros elementos configuradores do modelo capitalista, o indivíduo socialmente “formatado” passa a adotar hábitos e costumes que tem como base o interesse das classes dominantes. Estas têm o privilégio de disseminar quais serão os valores e as necessidades de cada classe social, cabendo a cada cidadão exercer a atividade de produção e circulação de capital, sendo classificado segundo seu poder de produção e de compra. Sua cultura, no sentido dos valores que estruturam o ambiente dos vínculos sociais, não fica isenta da força exercida pelo Estado. Este tem o poder de pressionar os indivíduos pelo uso da força, seja dos aparatos de controle, ou do capital simbólico, que passa a ser assimilado pelo imaginário coletivo, fazendo com que cada indivíduo entenda, segundo cada época, como necessário ao seu convívio social elementos tangíveis ou intangíveis que irão configurar sua imagem de cidadão, atribuindo a este uma

posição social com paridade em valores não pertinentes às suas necessidades básicas, e sim pelas representações, ou “rótulo social”, às quais suas posses se apresentam como elemento configurador.

Se por um lado, em tese, ter uma moradia, alimentação, e acesso à educação, lazer e saúde, é essencial para a vida da população, o valor simbólico atribuído às mais variadas escalas de valor atribuído para tais necessidades, segrega os indivíduos ao denominar diferentes escalas de importância para moradia, ensino, lazer, saúde e até mesmo para a alimentação.

Na atual sociedade, não basta ter as necessidades atendidas. Mas como elas são atendidas, qual o valor simbólico atribuído a cada uma é o que vai determinar o rótulo que a sociedade dará ao cidadão. Os vínculos e desvínculos se articulam pela posição e pelo papel que cabe a cada indivíduo nesse processo social típico da cultura de massa. Para poder viver sem sofrer a direta pressão de tal imposição hegemônica, uma das alternativas é se organizar em comunidade, o que não significa estar livre de convenções, mas optar por viver sob regras que sejam consensuais, e ter a autonomia de continuar ou não se vinculando por meio dos valores que esta comunidade adote como regra de convívio.

Pode-se inferir a possibilidade de que no momento em que Isamu tem contato com a obra de Rousseau, entre as de outros acadêmicos, seu pensamento passa a compartilhar a filosofia do autor, e estes – os fundamentos de Jean-Jacques Rousseau – tem proximidade com a lógica de muitos outros pensadores – quando assimilada por Isamu para desenvolver pensamento sobre uma “nova” forma de cultura -, como por exemplo: Benjamin, Baitello Jr., Marx, entre outros que serão citados, sendo coerente pensar que algumas obras de cada um deles possam oferecer um entendimento ao sonho deste imigrante em viver em uma sociedade organizada por um sistema próprio de valores, na qual a disciplina e a ordem pudessem ser fruto da consciência do grupo, e não de uma imposição regradada por uma cultura de massa.

Cabe sublinhar: no modelo inventado por Isamu, ninguém é obrigado a trabalhar. “A liberdade depende da responsabilidade de cada um”, dizia o fundador. Ainda assim, desde cedo os yubenses aprendem que a conservação de um sistema como este só é possível se todos emprestarem um pouco de seu esforço (KANZAWA, 2010, p.13).

Este ambiente seria formado por pessoas que viveriam uma cultura independente do poder constituído em bases capitalistas, não pensando o capitalismo como uma forma de governo, mas o interpretando como o conjunto de articulações entre o conflito de classes e o estabelecimento de dominantes e dominados, que resulta em papéis inevitavelmente orientados e determinados por sistema de valores chancelado pelos detentores do capital, no qual os personagens estão permanentemente sujeitos à troca de papel social.

Segundo Giddens (2002), os indivíduos buscam se encaixar socialmente. O autor trata como sistema de encaixe e desencaixe a variável pela qual um indivíduo, que até então estava em sua zona de conforto, de repente, se vê diante de uma dinâmica, ou regra social que o coloca em um papel onde sua posição é abalada, seu “*status*” perde o sentido e o significado diante da organização na qual ele pertence, e este fica desencaixado, se percebe fora do contexto pelo qual se identifica ontologicamente. Por meio deste mecanismo citado por Giddens, podemos entender que em uma era na qual a informática chega como um forte imperativo¹⁸ de “encaixe” social, não estar sincronizado com o constante processo de “*up-date*” sujeita o cidadão a uma pressão que o empurra para as margens da sociedade.

Toma-se estas duas situações, a de uma comunidade formada com a proposta de ser um espaço no qual os vínculos e o entendimento comum permitem uma cultura que não tem como base o princípio da relatividade social, ou seja, há um sistema de distribuição horizontal e de igualdade entre seus membros, e o de um sistema de mediações com base na rede de computadores, o ciberespaço, sendo este segundo o fruto de uma lógica da produção em massa e subordinada às forças hegemônicas, passando a interagir. Estes dois ambientes levam à pesquisa sobre a Comunidade Yuba, partindo de estudos prévios que trazem contribuição para um melhor entendimento sobre o sistema de vínculos e desvínculos, e a cultura deste grupo. Também não ficando limitado apenas a referenciais teóricos, o autor passa um período junto aos membros do Yuba, sendo o primeiro de uma semana, no mês de maio de 2011, que oferece base para escrever sobre a Comunidade. Faz-se a ressalva de que um grupo social que se organiza há 77 anos, em um ambiente

¹⁸ (CAZELOTO, 2007) Inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo trata as questões da era digital. Vive-se um momento regado por um forte discurso sobre a urgência em se conectar.

relativamente fechado e com uma cultura singular, não pode ser incisivamente “explicado”. Segundo os próprios membros: “não é possível entender o Yuba sem ter vivido muitos anos aqui”, e ainda assim, mesmo aos que lá residem há décadas dizem que não há palavras para “descrever” o grupo Yuba.

1.2. A comunidade

A Comunidade Yuba foi fundada por Isamu Yuba (1906-1976), em 1935, na cidade de Guaraçaí, em uma fazenda de 40 alqueires¹⁹. Atualmente se localiza no município de Mirandópolis, 600 quilômetros a noroeste da cidade de São Paulo. Sendo formada por aproximadamente 56 nipo-brasileiros em uma fazenda de 110 hectares, tem como idioma oficial a língua japonesa e como base para o sustento a agropecuária, sendo o cultivo da terra sua principal fonte de renda. Desde sua fundação, seus membros seguem a ideologia de Isamu.

Chegando à Comunidade, o que pode ser percebido de imediato é que não há cercas ou portões, o acesso é livre e bastou seguir por uma pequena estrada de terra para chegar ao pátio principal. O primeiro local a que se tem acesso é um grande galpão que serve como refeitório e cozinha para os membros, e neste espaço também há uma espécie de sala de TV, onde dois aparelhos ficam disponíveis; um com a programação brasileira, e outro com acesso a cabo, geralmente sintonizado na emissora da estatal japonesa, NHK. Aparelhos de TV, de rádio, revistas e jornais são uma confirmação da presença da *media*, um dos instrumentos do mundo mercantilizado e massificado, como uma das variáveis do ambiente na Comunidade.

Cabe apontar como uma relativa contradição o senso comum de que este grupo é uma Comunidade fechada. Trata-se de uma Comunidade com muitas restrições de acesso, principalmente para quem pretenda ser membro definitivo. Mas não é um ambiente estéril aos hábitos e informações que os cercam, muito pelo contrário, há visitantes de diversas regiões do Brasil, e até de outros países, e com os mais diversos propósitos; de jornalistas, pesquisadores, estudantes a simples turistas. Todavia, todos os residentes no período em que o pesquisador esteve presente, eram japoneses ou descendentes.

¹⁹ Dados obtidos no livro Yuba, Lucille Kanzawa (2010).

Ao se deparar com personagens que não são efetivos no grupo, e que carregam, para o meio, costumes, valores e gestos de ambientes diversos, é possível refletir sobre a estabilidade e a coesão no ambiente comunitário. Segundo Simmel²⁰ (1983, p.54) grupos sociais fechados podem ter uma ruptura caso nenhum evento externo venha alterar sua rotina, assim como o oposto também ocorre; ao receber a influência de um evento externo, grupos fechados tendem a fortalecer a sua união.

Os moradores do Yuba estão em uma zona de conforto social (pelo aspecto da estabilidade nos eventos cotidianos), em que suas bases ontológicas se fortalecem pelo convívio em um ambiente de cultura sincronizado pelo meio e pelos gestos comuns a cada elemento, pois as atividades diárias seguem uma rotina que se repete por décadas. A presença de visitantes pode ser um dos elementos que auxilie na coesão do grupo, pois retira o pensamento sobre isolamento social, e ao mesmo tempo permite que os moradores da Comunidade tenham uma nova variável em comum para partilhar, como experiência, entre o grupo.

A primeira impressão ao chegar, é de que se está em um território predominantemente japonês, pelo idioma e pelos costumes – cordialidades, tais como a reverência abaixando-se para cumprimentar, o uso de expressões verbais, regulares, que são comuns na cultura japonesa, como por exemplo: “com licença, vou sentar”, “por favor, sirva-se”, “obrigado, estava gostoso” (faladas em idioma japonês), guiados pelos três pilares que orientam os valores da sua cultura, sendo um deles cultivar a terra.²¹

O cultivo de verduras, legumes e frutas são a base do sustento, assim como a criação de algumas cabeças de gados, porcos e frangos. O pensamento sobre “cultivar a terra”, tem um sentido de vinculação. Nos dias em que o pesquisador esteve presente, foi percebido que não é um gesto mecânico ou automático, presencialmente é possível observar que há uma ligação dos moradores com a

²⁰ Georg Simmel – Sociologia: o autor menciona que um sistema sem referências externas se torna frágil, podendo se romper, assim como o mesmo sistema pode se unir para superar uma adversidade, fortalecendo sua coesão.

²¹ Faz-se a ressalva de que algumas partes deste capítulo, assim como do quadro teórico, foram extraídas do artigo: Uma Comunidade Unida Pela Comunicação e Imaginação: a comunidade Yuba e sua relação com ciberespaço. Nakamura, André Luis. Publicada na revista eletrônica Comtempo ISSN 2176-6231, VOL.3, N°2 (2011), de autoria do próprio pesquisador.

terra. Esta ligação é verbalizada em uma fala de Daigo²²: “Luxo pra mim é poder comer a comida que você mesmo produziu” (KANZAWA, 2010, p.13).

Tal afirmação se relaciona com um sistema de valores que contempla a continuidade ao ambiente idealizado por Isamu. É possível apropriar-se da pontual fala de Daigo, para representar a importância da vinculação pela mídia primária; gestos, sentimentos e toda gestualidade que consolidam a identidade deste grupo, carregam valores que foram pensados há mais de 70 anos. Qual seria a importância em oferecer destaque para uma fala para relacionar com vínculo e resgatar a memória de Isamu?

Parte-se do princípio que o reconhecimento da Comunidade Yuba é dado por um conjunto de elementos que, ao se conectarem e fazerem sentido entre si, configura aos seus membros uma identidade que os une, dando sustentação para o modelo social pelo qual as necessidades destes são atendidas. Todos os elementos que vão permitindo a reprodução da cultura do grupo se manifestam pelas duas primeiras mídias: a primária e a secundária.

Para melhor entender sobre a mídia primária e a secundária, busca-se a luz da compreensão em Norval Baitello Jr. (2005, p.33): “Podemos dizer que o homem consegue vencer a própria morte, deixando os sinais produzidos pelo seu corpo”. Norval trata a questão da mídia secundária como as impressões dos gestos humanos que se inserem em um suporte que não se esvazia no presente, se estendendo para além do momento ao qual que ele é emitido; ou como uma extensão dos sinais emitidos pela mídia primária. O autor menciona a limitação de transporte à qual a mídia secundária está sujeita, ou seja, ela pode necessitar ser transportada, ou ser buscada, se imprimindo materialmente tanto no próprio corpo, como em inúmeros suportes fora dele (suportes não eletrificados). Também se faz presente no ambiente configurado pela interação humana.

A delimitação territorial e a vinculação direta, no presente e no mesmo espaço, permitem que a mídia primária possa ser realizada em toda sua complexidade. Recursos olfativos, auditivos, táteis, palatáveis, visuais e todos os sentidos relacionados ao corpo, ocorrem no momento da comunicação, e assim a sincronização comunicacional estabelece ponte com base nos diversos sentidos

²² Daigo Yuba, neto do fundador.

humanos, codificados e decodificados entre os personagens. Diversos elementos da comunicação verbal e não verbal se entrelaçam na formação do ambiente simbólico comunicacional, imprimindo, nos indivíduos, informações de ordem racional e emocional, construindo material para reações objetivas e subjetivas. Não há um mediador externo ao meio, algo ou alguém que esteja em outra temporalidade e outro ambiente físico e/ou simbólico. Assim como os desvios de interpretações dependem da subjetividade de cada indivíduo. A isenção de necessidade de um suporte configurado por terceiros, como mediação, permite que os valores culturais sejam repassados entre todos os membros, independente de poder aquisitivo ou de uma técnica em comunicação que não seja de comum entendimento ao grupo.

Por meio dessa lógica é possível compreender como o valor que o fundador da Comunidade atribuiu ao cultivo da terra esteja tão vivo no discurso de um membro após três gerações.

A questão de o idioma ser um elemento crucial na incorporação de um membro ao grupo, no Yuba, pode ser mais bem embasada por meio de um trecho na obra de Tönnies:

Agreement and contract are unification which is planned and decided upon; exchange of promise, therefore, requires language and mutual comprehension and acceptance offered for the future, which must be expressed in definite terms. [...]. Just as language cannot be made by agreement, even though through language there exist many systems of symbols representing concepts, real concord cannot be artificially produced (TÖNNIES, 2002, p. 49).²³

Os vínculos têm o repasse do conhecimento e da cultura como uma das variáveis que mantém a identidade do grupo. Para que essa reprodução possa ser mantida, os moradores precisam estar sincronizados em um tempo e *óikos* comuns.

Em uma de suas obras, Edgar Morin apresenta a questão da sincronização com o meio como uma “emergência” que deve ser observada ao tratarmos questões como o desenvolvimento de habilidades que sejam necessárias para um entendimento comum dos valores e necessidades de um meio social.

²³ “Acordo e contrato são unificação, que é planejado e decidido; troca de promessa, portanto, requer a linguagem e compreensão e aceitação mútua oferecida para o futuro, que deve ser expressa em termos definitivos. [...]. Assim como a linguagem não pode ser feita por acordo, mesmo que através da linguagem existam muitos sistemas de símbolos que representem conceitos, real acordo não pode ser produzido artificialmente.”

O desenvolvimento da aptidão para contextualizar tende a produzir a emergência de um pensamento “ecologizante”, no sentido em que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente – cultural, social, econômico, político e, é claro, natural (MORIN, 1999, p.24).

A comunicação precisa estar em um contexto para que seja eficaz como ponte na reprodução de valores ideológicos. Todos os sentidos são exigidos para acionar os recursos que permitirão, ao receptor da mensagem, entender e compreender o sentido de uma filosofia de vida. Tratando-se de uma comunidade, permite que o entendimento sobre o pensamento que a une seja sentido, e não apenas compreendido. Não se apresenta como possível separar, fisicamente, o meio ambiente no qual se formam os valores de uma cultura, do personagem que a irá reproduzir.

A jornada em meio a esta cultura segue da lavoura para o retorno aos alojamentos, ou residências. Vizinho a estes há o refeitório, um grande galpão, onde todos retornam ao som de um berrante, que anuncia a hora da refeição, aproximadamente ao meio-dia. O espaço utilizado para as refeições comporta, sem nenhuma dificuldade, em média, as atuais 60 pessoas, entre moradores e visitantes. No mesmo ambiente funciona a cozinha, e a despensa de alimentos.

A refeição é preparada em grande quantidade, a mesa é farta e muito saudável, não há alimentos com conservantes ou enlatados, seguindo a tradição do grupo. Este é um momento no qual todos vão se acomodando, alguns se sentam, outros vão se servindo em uma ampla mesa, na qual há vários tipos de alimentos. Em meio a esta organização um chamado para que seja feito um minuto de silêncio é solicitado pelo Sr. Masakatsu Yazaki²⁴.

1.2.1. A oração

A oração é um dos pilares na filosofia Yuba. Sua expressão é representada com um minuto de silêncio que antecede todas as refeições, e compartilhada por todos. Seu sentido se manifesta por meio da subjetividade de cada um. O minuto de silêncio pode ser para orar ou repousar o pensamento sobre cada necessidade

²⁴ “Curador da memória Yuba”.

individual, é um momento da presença física e coletiva de todos. Segundo o Sr. Masakatsu, se trata de um momento para “pensar sobre a vida”.

Toma-se como base acadêmica parte de uma das obras de Norval para fazer um paralelo entre este pensamento, reproduzido pelas falas de Masakatsu, e o campo da comunicação, a respeito do silenciar, do orar e da refeição coletiva – tanto a refeição no sentido biológico como pela metáfora do beber na fonte do conhecimento partilhado.

Não me refiro aqui às imagens interiores, mas às imagens em sua materialidade de mídia secundária, que exigem o tempo lento da leitura e da decifração. Este tempo é necessário para o confronto e o diálogo com as nossas imagens interiores. Nesse diálogo é que nós nos espelhamos, nos enriquecemos, bebemos, vivemos e multiplicamos o nosso espaço comunicativo. É com esse diálogo que nós aprendemos a ver, a nos ver e a ver o mundo (BAITELLO JR., 2005, p.35).

“Todas as refeições na Comunidade começam com o ‘*itadakimasu*’, prática antiquíssima de raiz xintoísta cuja tradução literal é ‘eu humildemente recebo’” (KANZAWA, 2010, p11). Tal reverência procede ao minuto de silêncio, e o tempo lento é uma das variáveis de ambiente que estão impressas neste ritual diário que antecede as refeições. O minuto de silêncio tem o sentido de refletir sobre tudo que fez parte dos momentos que antecederam a refeição, ou o exato momento em que se está presente, enfim, cada pessoa atribui um sentido ou um valor, mas a reflexão sobre a presença e o tempo configura este gesto de agradecimento.

Imagem 1 - O momento de oração que precede as refeições.



Fonte: André Luis Nakamura.

Cada morador tem seu lugar à mesa de refeição, todavia, quando este é ocupado por outra pessoa – acontece mais comumente no caso de visitantes – o espaço não é reivindicado, simplesmente o seu morador busca se acomodar sem que cause constrangimento a quem, sem perceber, ocupou o seu lugar. Um gesto que aponta que o convívio em comunidade contempla o sentido de coletividade, divisão, partilha e tolerância.

O pesquisador sentou-se ao lado do Sr. Masakatsu, na maioria das refeições. Acredita-se que este lugar deveria estar sendo ocupado por algum morador da Comunidade, mas ninguém abordou o pesquisador para reclamar seu espaço.

Esta narrativa tem a finalidade de apoiar-se no texto de Baitello Jr., acima citado. O espaço comunicativo é configurado em um tempo lento, que exige se envolver, pertencer e, por vezes, o contraponto da tolerância. O momento de olhar para dentro de si, a fim de uma auto-observação, ou de olhar ao redor, para se conectar com os outros seres que o cerca, exige que se desconecte de imagens externas, e até mesmo internas, que não tenham relação com seu ambiente cultural. São as imagens que se produzem de uma não imagem, sem a imposição de modelos estéticos que bombardeiam a sociedade e entorpecem os sentidos individuais criativos.

Tal dinâmica é exercida na comunidade pesquisada, onde não há formalidades determinadas pela cultura midiática, não há um posicionamento social²⁵ que segrega ou limita a aproximação entre um indivíduo e outro. A dinâmica que orienta os vínculos e desvínculos tem como base o sistema de valores que organiza e se vivencia no próprio ambiente.

A presença de estranhos sendo aceita no grupo infere o pensamento sobre a não estabilidade do sistema, ou seja, a constante interação entre novos elementos, criando a ruptura de padrões que poderiam causar, teoricamente, um isolamento cultural e social, o que poderia levar a comunidade a um colapso; dois acadêmicos distintos apontam a necessidade de interação dos grupos fechados com forças externas.

Os próprios indivíduos já não conseguem se conservar de outro modo que não seja mudando; eles mantêm a unidade de sua vida através de um equilíbrio imóvel entre o que está dentro e o que está fora; [...] Do mesmo modo, não é impossível que as forças das quais resultem a coesão da sociedade tenham necessidade de mudança para guardar toda a sua ação sobre as consciências (SIMMEL, 1983, p.54).

Assim como para Álvaro Vieira Pinto (2005, p. 434), “Uma sociedade realmente estável desapareceria instantaneamente, ou melhor, não teria jamais se constituído historicamente”.

Apoiando-se nos citados autores, é possível considerar que a presença constante de visitantes, que se hospedam desde curtos períodos, ou até anos na Comunidade – evento que acompanha a trajetória do Yuba – ao reorientarem seus valores para poderem pertencer ao grupo, também carregam para dentro do ambiente, valores e referências que permitem aos moradores estabelecerem consciência sobre suas identidades e unidade, dando ciência de seu “encaixe social”²⁶ entre o meio, auxiliando assim na coesão do grupo, ainda que esta seja uma ação sutil.

Obviamente não é apenas a presença de visitantes o único elemento externo na rotina da Comunidade, há questões relacionadas às finanças, educação, saúde e

²⁵ Compreende-se que a posição social, como se conhece na sociedade capitalista, é de uma cultura de massa. Segue regras explícitas ou implícitas em um sistema de valores atribuído pelo discurso hegemônico que descende das forças dominantes. Sendo, na sociedade moderna, difundida e chancelada pelos veículos de comunicação.

²⁶ Para Giddens, a questão do encaixe social determina uma linha de conforto emocional, uma consciência da identidade com o meio.

outros compromissos que não tem vínculo direto com o modelo social do Yuba, e para poder manter seu assentamento territorial, e sua legalidade no país que escolheram para a formação de seu ambiente de cultura, são obrigados a sair de sua área de conforto para cumprir com obrigações dos mais diversos níveis, seja uma operação bancária ou a participação dos jovens na rede de ensino do Estado, assim como compromissos eleitorais, a busca de auxílio médico quando necessário e demais ocorrências que não podem ser eliminadas pelo seu micro ambiente. Mas resolvida a obrigação fora de sua célula, o morador volta para *óikos*, onde tem a maior parte de suas relações sociais, onde vive.

O que se observa é que, desde o momento em que se vai para a lavoura, até a hora da refeição, há reciprocidade nos gestos. No momento da refeição, todos fazem o minuto de silêncio, as trocas se fazem recíprocas. O respeito fica subentendido como pano de fundo para os vínculos, são gestos disciplinados, há a intenção de manter a tradição, e ainda que a liberdade seja um dos elementos que Isamu pensou como filosofia da Comunidade, não ir para lavoura (no caso dos homens), deixar de trabalhar em atividades que são destinadas para as mulheres, ou ignorar o minuto de silêncio, aponta como passível de ser interpretado como desrespeito. Não seguir os preceitos filosóficos pode ocasionar a não aceitação pelo grupo, até porque viria ocasionar o desequilíbrio na organização da sociedade.

O tamanho do grupo já foi até o limite de 300 integrantes e hoje, é em torno de 56 pessoas. Questionada com relação a esta diminuição populacional, a senhora Satiko menciona o seguinte: “Gostaríamos que todos estivessem aqui, mas não privamos a liberdade, e eles (os jovens) terão o senso de julgamento para escolher se retornam”. Esta reflexão de Satiko leva em consideração uma evasão, em processo progressivo e de longa data, dos jovens que saem para estudar fora, causando o “envelhecimento” de sua população. Por outro lado deixa bem claro que um dos fundamentos pensado por Isamu continua presente, a liberdade.

As relações se estabelecem em um tempo que só pode ser vivenciado no presente, em um território e por meio do corpo. Compreende-se que a continuidade de uma tradição consolidada na fusão de valores herdados da cultura japonesa, com o entendimento da filosofia de autores que contribuíram para o imaginário do fundador, assim como a união de todos os membros, cada um partilhando com seu

ambiente simbólico, ofertando e recebendo gestos e valores, que ao serem distribuídos entre todos os componentes de tal *óikos*, passa a organizar o sentido de uma comunidade homogênea na significação das relações, trocas e valores do meio.

A redução populacional se apresenta como uma das preocupações dos membros responsáveis, pois entre eles a possibilidade de laços matrimoniais está esvaziada. Resta aceitar novos membros ou, ainda, em um cenário mais favorável, a união matrimonial de jovens moradores com um parceiro que se adapte com sua cultura, e assim venha constituir família dentro da comunidade.

Simmel (1983) aponta a pressão que o número de membros pode exercer na estabilidade e na continuidade de pequenos grupos, pois – parafraseando a obra do autor – se a população fica muito estreita, há possibilidade de ela entrar em colapso pela falta de continuidade, se esta fica muito ampla, o risco é o de dispersão, tanto geográfica, quanto ideológica do grupo.

Para encerrar a reflexão sobre a atual população, entre os descendentes diretos de Isamu, há Lin e Daigo, dois jovens que já são maiores de idade e podem ser os sucessores na gestão da Comunidade, sendo os outros jovens descendentes ainda menores de idade.

O mesmo espaço que é utilizado para fazer as refeições é onde dois aparelhos de televisão estão instalados. Observa-se que os moradores gostam de assistir, tanto a programação local, a TV aberta do Brasil, quanto a TV a cabo, que fica sintonizada em uma emissora da tevê japonesa, a NHK. Próximos aos aparelhos de televisão ficam espalhados alguns jornais e revistas, alguns de publicação nacional, e regional – região de Mirandópolis – e outros em língua japonesa. Diante da visão de tantos suportes da *mass media* em um lugar dedicado para alimentação, uma pergunta foi necessária.

Buscar o entendimento de como uma Comunidade fechada reage à interação com a mídia de massa, ou seja, com a TV, jornais, revistas e rádio – não entrando no mérito da Internet, na primeira visita, por esta ainda ser uma variável muito recente no ambiente – é um dos objetivos que contempla a visita do pesquisador. Além de observar o meio, fez-se necessário a fala de um morador, e novamente é a

Sra. Satiko quem responde a seguinte pergunta: “A Comunidade usa a televisão para se informar?”. Ela faz questão de reforçar que não fala em nome de todos, mas apenas sob seu ponto de vista: “As informações são úteis, todos se atentam. O terremoto/tsunami no Japão, por exemplo, como a todos, também preocupou e entristeceu, todavia os afazeres diários seguiram seu ritmo natural”.

Pontualmente, a primeira resposta que é recebida se relaciona com a tragédia no Japão, obviamente a visita aconteceu em uma data muito próxima ao evento. Mas fica entendido que o vínculo com a terra natal é forte, e a mídia, mesmo oferecendo um universo de informações, estas acabam sendo filtradas pelos moradores. O ambiente cultural desta Comunidade fechada aponta para um modelo relativamente estável de valores, aos quais as informações e “pressões” exercidas por meio da comunicação de massa com todas suas técnicas de sedução e manipulação, não se apresentam como um discurso hegemônico que tenha o poder de reconfigurar o modo de vida dos indivíduos que, ao ligar a TV, são surpreendidos por um mundo que se apresenta de um modo espetacularizado²⁷ e estetizado²⁸.

Não se observam moradores falando ou incorporando na sua rotina diária, gestos que se relacionem com “as necessidades” fortemente difundidas pelos meios de comunicação, como por exemplo, o iminente risco à segurança. Não há sensação de insegurança física ou patrimonial, tão exploradas pelos meios de informação jornalística, entre outros.

A vida em comunidade em uma dinâmica que não se conecta com a sincronização midiática²⁹ permite que o processo de vinculação seja mais dedicado ao momento presente e para as necessidades do microambiente.

²⁷ Guy Debord, em a Sociedade do Espetáculo, apresenta o conceito de uma sociedade movida e motivada por exageros. Faz crítica a um modelo social que se apresenta pelos excessos e exageros, fugindo da realidade que deveria ser impressa na dinâmica das trocas sociais que fossem isentas da massificação.

²⁸ Walter Benjamin, em A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica aborda o termo como uma imposição “fascista”, ao qual subordina os indivíduos a um modelo social, em tese, retirando a identidade das pessoas. Ainda que o autor trate a questão sobre obras de arte, pode-se depreender que a questão da estetização “transborda” até mesmo para o ambiente de conduta social.

²⁹ Professor Dr. Milton Pelegrini - Os Sentidos do Vazio na Realidade Midiática – Seminário, 2011. São Paulo, Universidade Paulista, UNIP. O acadêmico apresenta como eixo temático a crítica aos discursos difundidos pela grande *media*, como um meio de sincronizar a população. Tal “consciente coletivo” construído pela media faz com que as pessoas incorporem, em suas rotinas,

Observa-se esta força em uma cultura que não se deixa levar pelas tendências que, principalmente pela TV, se apresentam como necessárias ao posicionamento social.

A rigor, esta “torrente de mundo exterior” se expressa na avalanche das imagens exógenas que nos assediam em todos os espaços e tempos, apropriando-se de nosso espaço e de nosso tempo de vida, de nossos mundos de interioridades e de nossos ritmos e durações vitais [...]. Somos obrigados a viver uma abstração, um corpo sem matéria, sem massa, sem volume, apenas feito de funções abstratas, como trabalho, sucesso, visibilidade, carreira, profissão e fama (BAITELLO JR., 2006, p.56).

O que se percebe ao convívio, como membro da Comunidade Yuba, é que as pressões pelo pertencimento, impostas pelas imagens e narrativas da *media*, não afetam o modelo de cultura que organiza e vincula seus membros. Em tese, a comunicação de massa por meio da TV, do rádio, jornais e revistas, ainda não se apresenta como um configurador de costumes e gestos. A observação que aponta para esta afirmação é a de que os jovens não buscam símbolos de moda, nem tampouco há posicionamento por meio de *status*, ainda que um, ou demais membros, obtenham “títulos” que chancelem seu conhecimento, tal como graduação universitária, ou fluência em um idioma que se propõe como hegemônico, o inglês; esse conhecimento aprendido não oferece diferencial ao tratamento no meio da Comunidade, ao menos ao que se foi observado.

Uma fala pode também reafirmar tal desconexão com a sincronização midiática. Tal fala é de Kojiro, “[...] há dez anos trocou o Japão pela vida comunitária, ainda se espanta quando vê as crianças dividindo uma barra de chocolate que acabaram de ganhar em partes exatamente iguais. ‘As pessoas aqui têm poucos desejos materiais’, conclui” (KANZAWA, 2010, p.13). Percebe-se que a disputa por maior vantagem, ou a imposição por ascensão social, não fazem parte do ambiente de cultura deste pequeno grupo fechado, ficando subentendido que a sua relação com informações vindas por meio da TV e outros suportes – excluindo o recente ciberespaço –, não pode desarticular a reprodução da ideologia de seu fundador, um ambiente livre da circulação de dinheiro e no qual os vínculos pudessem ter como base o valor de uso, somados aos três fundamentos: “cultivar a terra, orar e amar as artes”.

muitos gestos e hábitos que até então não faziam parte de suas realidades, passando a se organizar mais pelo *mass media* do que pela real dinâmica de seu cotidiano.

1.2.2. Cultivar a terra

Cultivar a terra é um dos “rituais” para aceitação como membro da Comunidade, seja como visitante ou morador, pois o sustento é mantido, principalmente, por meio desta atividade.

Os trabalhadores se dividem em grupos e vão para as diversas atividades na lavoura. Alguns tratam de colher quiabos, enquanto outros se dividem em limpar a roça, podar os pomares de goiaba, entre outras atividades. Também há cultivo de arroz e uma pequena horta que atende especificamente a demanda interna, além de alguns animais para corte.

Todavia, a produção local não é suficiente para atender todas as necessidades financeiras do Yuba. Para suprir este déficit há atividade de compra e venda, onde a produção de outros agricultores é adquirida e, após a seleção, é revendida. Esta atividade não tem caráter de acumulação de capital, segundo o que se observou ela vem como um complemento para atender as necessidades que a produção no seu microambiente não tem conseguido resolver.

O parágrafo anterior pede uma reflexão no sentido de apontar o poder de um estado “dominante” de economia de mercado, que tem a propriedade de impactar mesmo em microambientes que busquem a emancipação de tal lógica do capitalismo. O grupo em questão apresenta ser determinado pela busca à não vinculação, voluntária e total, aos aparelhos ideológicos do Estado, não estipular salário e/ou camadas hierárquicas no processo de produção, ainda que obviamente haja maior ou menor poder de articulação neste processo, não é convencionado por meio de um contrato, a “separação” entre líderes e subordinados. Mas, no final, a sua subsistência esbarra no processo de mercantilização e valoração determinada pelo poder hegemônico. Segundo Poulantzas:

No processo de produção, encontra-se primeiramente o processo de trabalho, que designa, em geral, a relação do homem com a natureza. Mas este processo de trabalho apresenta-se sempre sob uma forma social historicamente determinada. Ele só é constituído na sua unidade com as relações de produção.

As relações de produção são constituídas, numa sociedade dividida em classes, por uma dupla relação que engloba as relações dos homens com a

natureza na produção material. As duas relações são relações dos agentes de produção com o objeto e com os meios de trabalho (as forças produtivas) e, assim, por tal distorção, as relações dos homens entre si, as relações de classe (POULANTZAS, 1975, p.19).

Fica evidente que ao se agrupar em uma comunidade, e organizar o trabalho horizontalmente, assim como a distribuição de sua produção, um grupo social que necessite elementos que sejam fruto ou resultado da produção industrial, ou do capitalismo, acaba sendo cooptado para sua lógica. Ainda que os moradores da fazenda não sejam funcionários de empresas, o fruto do seu trabalho, ou seja, a sua mão de obra convertida em produto, ainda que este não seja industrializado, e nem mesmo cultivado, ao se reduzir no processo de intermediação, acabam tornando-se uma força produtiva sendo cooptada pelo processo mercantil³⁰. O pesquisador infere que o Yuba aponta ser uma eficaz fonte de fornecimento de produtos, ainda que em escala muito reduzida, para o sistema no qual os seus integrantes apresentam ser resistentes. Não há necessidade dos tomadores³¹ desta mão de obra arcar com encargos trabalhistas, nem com o repasse de tais valores no resultado final da produção à qual se utilizam para abastecer seus estoques. Para fechar este parágrafo, para que não fique o mérito da crítica quanto à exploração da mão de obra dentro da Comunidade, é regra essencial a de que todo e qualquer morador esteja inserido no grupo em comum acordo, sendo livre para se desvincular quando assim entender ser o caso.

O termo “cultivar a terra” adota um sentido de colocar as mãos nela, pois não se observam máquinas ou equipamentos agrícolas sofisticados no processo de produção. A máquina mais presente na lavoura é um trator, aparentemente bem usado, que serve mais como transporte para os trabalhadores e suprimentos, assim como para recolher as caixas com os frutos das colheitas. Não há um ambiente de produção “especializado”, em nada lembra fazendas que são vistas pela TV ou em revistas dedicadas ao setor agrícola; no Yuba a mão na terra se apresenta como um

³⁰ A mercantilização organizada e orientada por regras do capital. Que seguem a valoração da relação de oferta e demanda, assim como todos os elementos pertinentes ao processo capitalista e de produção em massa.

³¹ Neste caso o “Tomador da Mão de Obra” são todos que adquirem os produtos da comunidade. O fazem como fariam de outra fazenda, onde há funcionários remunerados, segundo cada contrato. Todavia, é plausível depreender que o valor final do produto não carrega o repasse dos custos, como pagamento de mão de obra, e embora o valor seja equivalente ao das fazendas que o fazem, há o diferencial de ser uma produção “especial” por se tratar de uma comunidade sem fins lucrativos.

ambiente de vinculação, o qual a relação entre as pessoas e o meio se faz ao “tempo lento” ³². Basta um olhar para qualquer ponto onde haja um trabalhador, que a visão será de grupos, vinculando-se entre si e com o meio.

Imagem 2 - Moradores retiram, manualmente, a grama que nasce entre a lavoura.



Fonte: André Luis Nakamura.

³² Termo utilizado pelo Prof. Dr. Milton Pelegrini, como um método para explicar o tempo demandado pela mídia primária nos seus diversos processos, seja nas vinculações, alimentação e tudo que se relaciona o tempo dedicado para as necessidades objetivas e subjetivas do corpo físico/simbólico.

Cada membro foca em uma atividade que seja importante ao atendimento das necessidades do grupo. Não se percebe um modelo de produção, ou trabalho que tenha como objetivo acumular recursos, ou lucrar. O que fica claro é que ao atender a demanda para o essencial, os trabalhadores dão por cumprida sua atividade.

Algumas imagens remetem a um modelo de trabalho que não foi orientado pela “evolução” dos meios de produção. A tradição resiste ao tempo, e ao resistir, traz junto à cultura que torna este pequeno grupo diferenciado da grande sociedade que o cerca. E se apresenta como uma conduta de resistência ideológica contra-hegemônica, em tese, um dos elementos que forma a liga de vinculação aos que escolhem viver dentro da Comunidade, e relativamente isentos da pressão dos aparatos de imposição ideológica. Uma das cenas que leva o pesquisador a tal reflexão pode ser vista na imagem 3. Trata-se de moradores antigos que estão cuidando da manutenção de utensílios que servem ao grupo.

A questão do trabalho sendo exercido pela habilidade humana, e não subordinada ao domínio das máquinas tecnológicas, aponta para um modelo de sociedade, ainda que pequeno grupo e micro ambiente, que não sucumbiu aos desígnios do imperativo capitalista, a velocidade. Para quem vive no Yuba, a velocidade não é uma ordem social. O tempo lento faz parte das ações, dos vínculos e se reproduz na produção cooperada que mantém este grupo, tão atípico, atendido em suas necessidades. Esta não aderência ao modelo social que impõe a velocidade em todas as esferas da vida social se estende também para os momentos de lazer e do seu o tempo livre.

Ao mencionar o tempo e a velocidade como um imperativo da modernidade, se considera a importância em trabalhar apoiado à luz de Eugênio Trivinho.

A velocidade tecnológica, quando urdida em estrutura dinâmica universal, cria, como de forma endogenamente autônoma, com base nas pressões materiais, simbólicas e imaginárias da organização do trabalho e do lazer, as suas próprias demandas recorrentes (TRIVINHO, 2007, p.72).

Este recorte retirado da obra de Trivinho se desenvolve para chegar à questão da cibercultura. Todavia, os elementos que agem como pano de fundo no processo que, socialmente, acelera ao homem, parte das mesmas variáveis que se organizam em prol de um sistema da produção em massa.

O ambiente pesquisado tem um modelo de economia que apresenta intensa base no valor de uso. A funcionalidade dos objetos, e o modo de produção, apontam para uma lógica que não dá mérito ao capital simbólico. Há de levar em consideração que a Comunidade depende de atividade comercial, de compra e venda, para poder se sustentar. Mas, como percebido, este modelo de negócio não se apresenta como um meio ao acúmulo de riquezas, ou obtenção de lucro na finalidade de uma “ascensão social”. Este comércio tem a finalidade de suprir as demandas que a produção local não tem atendido, até por se manter isenta da aceleração, contemplando o trabalho humano e seu tempo, como principal meio de produção. Assim como a não cobrança por resultados, como já mencionado. Este é o modelo de produção na Comunidade Yuba; o trabalho cooperado, cultivando a terra com as mãos e utilizando ao máximo os recursos que a mão de obra apoiada na capacidade de manufatura possa propiciar, isento da pressão por uma cultura orientada em símbolos embasados no valor de troca.

Imagem 3 - Trabalhadores produzindo e fazendo manutenção em utensílios.



Fonte: André Luis Nakamura.

A forte presença de manufatura evidencia um modelo econômico que não está voltado para a mercantilização e, grosso modo, é possível depreender que o modelo de economia interna se apoia na manufatura. Em tese, tal modelo isenta a Comunidade da necessidade de captar maiores recursos financeiros – se, por um lado, não há possibilidade de grandes ganhos ao produzir sem maiores recursos tecnológicos, por outro, o peso do valor de troca embutido na aquisição, manutenção e substituição de tais instrumentos não entra no orçamento financeiro, evitando onerar o caixa.

Em uma fazenda de 110 hectares, a ausência de equipamentos mais sofisticados, sejam para colheita, embalagem e outras atividades que demandam muita mão de obra, aponta para uma comunidade que, teoricamente, compreende a lógica da conversão da mão de obra em capital, e este se reproduzindo nas máquinas como um tomador de tudo que é produzido, por concentrar um grande número de horas trabalhadas em sua aquisição, segundo aponta um trecho da obra de Marx:

O Capital se encarna em coisas: instrumentos de produção criados pelo homem. Contudo, no processo de produção capitalista, não é o trabalhador que usa os instrumentos de produção. Ao contrário: os instrumentos de produção – convertidos em capital pela relação social da propriedade privada – é que usam o trabalhador (MARX, 1996, p.33).

Um dos princípios de Isamu foi encontrar a liberdade. O fato de a Fazenda não ter máquinas que imprimam o ritmo ao trabalhador evidencia que esta chama se mantém viva. Ao usar recursos que demandem o mínimo de tecnologia, a Comunidade não tem necessidade de se especializar no modelo da produção em massa, em mão de obra. As atividades que são responsáveis pela manutenção das necessidades podem ser realizadas por qualquer indivíduo, assim como não é necessário pagar pela manutenção de equipamentos ou adquirir suprimentos para o bom funcionamento destes. Esta é uma das variáveis que permite aos trabalhadores produzirem somente para as necessidades essenciais, o que remete entender que a sua organização interna não se orienta pelo lucro.

Um aspecto que chama a atenção é o fato de haver confecção de produtos artesanais que levam a marca “Comunidade Yuba”, como foi observado em uma

feira dedicada à cultura japonesa na qual os seus moradores estavam trabalhando. Entre as mais diversas variedades de alimentos, produtos e grandes montadoras de veículos japoneses, encontrava-se o espaço dedicado para doces e condimentos produzidos no Yuba.

O Evento foi o 15º Festival do Japão e aconteceu nos dias 13, 14 e 15 de julho de 2012, no Centro de Exposições Imigrantes.

Imagem 4 - Da esquerda para direita: barraca da Comunidade Yuba e produtos artesanais Comunidade Yuba



Fonte: André Luis Nakamura.

Até este parágrafo abordou-se sobre uma comunidade que trabalha e vive em um ambiente que aponta para a economia sob o valor de uso. Por outro lado, a participação em uma feira negócios, ainda que seja apenas três dias ao ano, com um produto artesanal que comunica a posição social do grupo com um apelo de

marca, a coloca sob o aspecto do valor imaterial³³. No meio dos nipo-brasileiros e japoneses, o Yuba representa um ambiente de tradição, sabedoria e tem um sentido “meio mágico”, de resgate aos valores do passado, assim como do desprendimento às coisas transitórias, tais como *status* e demais elementos que marcam posições sociais.

Não é o mérito desta pesquisa querer especular os valores de tradição ou ideológicos do objeto. O que se pretende inferir é como um ambiente que se reproduziu partindo de um imaginário com tendência socialista, mesmo que de forma inocente e inconsciente, passe a abrigar entre os aspectos que o identifica, um elemento que fortemente se conecta ao capitalismo, uma marca. E não apenas uma marca, uma marca carregada de símbolo, se tornando em um “signo” de relação com a natureza. Ter a marca de nome homônimo à Comunidade Yuba impressa em seus produtos, carrega décadas de valores. Nela há o cultivo da terra, o amor às artes e a força da oração, seja para os que conhecem a história desta Comunidade, ou para os que virão a conhecer.

O Capital fixo da firma compreende agora a sua notoriedade, seu prestígio, constitutivos de um capital simbólico; e o talento, a competência, a criatividade das pessoas que a produzem a dimensão quase artística dos artigos (GORZ, 2003, p.48).

Cada personagem que vive na Comunidade, oferecendo seu conhecimento, reproduzindo e absorvendo a filosofia presente na cultura que vincula os indivíduos por meio do pensamento sobre o compartilhamento mútuo do trabalho e seu fruto, assim como as produções teatrais, as obras e o silêncio que se faz presente nas preces, todo esse conjunto de valores se imprime em um rótulo assinado que encobre os produtos manufaturados. A manutenção da tradição, neste caso, implica na possibilidade de que o grupo possa ter um ativo do capital simbólico, ao qual sequer tenha intenção e/ou consciência.

1.2.2.1. Mão de obra remunerada na comunidade

³³ GORZ, André. O Imaterial, uma publicação na qual o autor trabalha com o conceito do valor imaterial. Marcas, conhecimento, capital simbólico e diversos aspectos que imprimem em algo, uma tarefa ou bem tangível ou intangível, um valor que se multiplica pelo simples fato da exposição ou “publicidade” que ocorra de forma proposital, ou não.

Há na Comunidade um trabalhador remunerado, contratado e não descendente de japoneses, seu nome é Luiz de Almeida, 50 anos. Este fato conflita, em tese, ao pensamento do fundador, sobre um ambiente no qual cultivar a terra tenha o sentido da liberdade e da livre vontade na execução do trabalho. Entende-se que ao contratar um profissional, o pensamento sobre a distribuição igualitária do trabalho toma um desvio, e a remuneração de um trabalhador externo remodela os valores que se imprimem sobre o estilo de vida *yubense*. Embora este fato vá contra a ideologia de Isamu, não se notam maiores mudanças no estilo de vida na Comunidade, e até onde se pode observar, o trabalhador contratado movimenta-se naturalmente, não causando impactos na cultura local. O custo deste trabalhador é de aproximadamente 18 mil reais ao ano, já considerando encargos e direitos trabalhistas. Luiz começou a trabalhar no Yuba aos 22 anos, ficou afastado por quatro anos – período não especificado – e retornou, mantendo-se até o momento.

O senhor Almeida não mora na Comunidade, não sendo considerado “membro” temporário ou efetivo, é um funcionário.

1.2.2.2. Mão de obra remunerada: separação de classes no micro ambiente

Todavia, por inferir que a Comunidade tem aspectos de uma formação ideológica contra-hegemônica, pode-se recorrer a uma crítica acerca da inseparabilidade, mesmo de um grupo social relativamente fechado em seus ideais, das forças dos aparelhos ideológicos do Estado, e da organização por *classes sociais no capitalismo*.

Pode-se dizer, assim, que uma classe social define-se pelo seu lugar no conjunto das práticas sociais, isto é, pelo seu lugar no conjunto da *divisão social do trabalho*, que compreende as relações políticas e as relações ideológicas. A classe social é, neste sentido, um *conceito* que designa o *efeito de estrutura* na divisão social do trabalho (as relações sociais e as práticas sociais). Este lugar abrange assim o que chamo de *determinação estrutural de classe*, isto é, a própria existência da determinação da estrutura – relações de produção lugares de dominação-subordinação política e ideológica – *nas* práticas de classe: as classes só existem na luta de classes (POULANTZAS, 1975, p.14, grifos do autor).

Tomando como base os apontamentos do autor, ainda que um pequeno grupo ou uma formação social que se posiciona como não pertencente à burguesia,

e que tem a sua força de trabalho como meio de sustento e organização social, pode se articular de forma a ter uma representação como *pequena-burguesia*.

Por esta determinação estrutural se faz válido o pensamento de que mesmo na isenção da *consciência de classe*, mediante a lógica do empregado, a Comunidade se apresenta como detentora do capital e dos meios de produção.

Pelo aspecto acima citado, cria-se um contraponto ao apontamento da não presença de *não sofisticados* equipamentos de produção, que retirariam a natureza de uma produção orientada pelo lucro, em detrimento da subsistência – e fazendo a ressalva que ainda que não haja tal *consciência de classe* –, se há uma ruptura de relação comunitária, e um contrato de trabalho que se radica na estrutura física e política³⁴ da Comunidade, esta se insere na lógica da produção capital.

Não se busca entrar em um debate aprofundado com esta inferência, mas apresentar ao contexto da pesquisa, que não foge às suas considerações o fato de, mesmo em um ambiente *em oposição* às regras da separação de classes – no contexto de sua formação –, esta separação é evidente na sua atual³⁵ estrutura do grupo.

1.2.3. Amar as artes

A arte está presente sob a forma de música, dança, teatro, poesia, pintura e artesanato. O sentido dado para o desenvolvimento destas atividades se apresenta em uma forma não estetizada. Por exemplo: Mitsue, uma das moradoras, dedica parte de seu tempo na confecção de artesanatos em argila. Segundo ela, a atividade foi aprendida por meio de um livro, e com o tempo ela foi se desenvolvendo. Ela não segue nenhuma regra que tenha sido ensinada por um professor de artes plásticas, ou outro profissional deste campo. Suas obras são uma

³⁴ A Comunidade Yuba é legalmente inscrita na Receita Federal, desde 17 de novembro de 2003, sob o CNPJ 06.035.514./0001-69, e de nome empresarial Associação Comunidade Yuba como: “outras atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente”, sob a atividade econômica: não informada, e na natureza jurídica: Associação Privada.

³⁵ O pesquisador não entrou no mérito de “investigar” outras instâncias mais remotas – embora a literatura pesquisada apresente, além deste funcionário, apenas sua esposa, que já foi desligada do quadro de funcionários. O objetivo principal desta pesquisa é compreender o desdobramento da interação da comunidade com a Internet, e variáveis que se apresentam como um processo de ruptura na distribuição igualitária, e dos vínculos estritamente comunitários, estes recebem atenção para fundamentar a conclusão do trabalho.

expressão de suas habilidades e da sua criatividade, embora tenha recorrido a alguma literatura para iniciar o aprendizado, não precisou ser certificada por nenhuma instituição ou “autoridade” da área.

Imagem 5 - Mitsue e seu artesanato em argila.



Fonte: André Luis Nakamura.

Nas noites, após a refeição, um grupo se reúne ao redor do piano que fica no refeitório e canta espontaneamente. Participa quem desejar, não importando se tem maior ou menor habilidade musical. A arte é um direito e, ao mesmo tempo, uma

liberdade de expressão. Ainda assim todos que se envolvem com a música praticam com empenho.

Handicraft and art are passed on by teaching and example, like a creed, as if they were a dogma and a religious mystery. They are, therefore, most easily preserved within the family, handed down to sons, shared by the brothers. Thus, a fellowship may develop as a clan around the figure of an ancestor and inventor of their art (TÖNNIES, 2002, p.63)³⁶.

Este pontual trecho na obra de Tönnies aponta para um modelo de repasse cultural, e/ou conhecimento no campo das artes, que pôde ser observado no Yuba. Os membros mais velhos, ou anciãos, se encarregam de ensinar aos mais jovens, às crianças, os dotes artísticos que fazem parte do sistema de valores na vinculação social desta Comunidade. Como os membros se reconhecem como uma Grande Família – como membro temporário foi aprendido com a Sra. Satiko Yuba, que todos são “Uma grande família” –, é válido depreender que os laços de uma comunidade também são fortalecidos em torno do ambiente de cultura no qual a manifestação artística seja um elemento ativo no cotidiano, pelo seu exercício, prática e transmissão, configurando um gesto de aproximação, cumplicidade e comunhão entre os pares. Também estabelecendo o nível de hierarquia, no qual os “detentores” do conhecimento recebem respeito e “status”, dentro de seu microambiente.

Um dos professores de música da Comunidade é Masakatsu Yasaki, ele ensina violino, violoncelo e leciona a língua japonesa. De longe, ao caminhar pela fazenda, é possível o ouvir tocando seu instrumento, o violino, em vários horários do dia. Além de toda essa atividade, Masakatsu ainda escreve peças para o teatro e cuida do acervo cultural.

³⁶ “Artesanato e arte são repassados pelo ensinamento e exemplo, como um credo, como se fosse um dogma e um mistério religioso. Eles são, portanto, mais facilmente preservados dentro da família, transmitidos aos filhos, compartilhados pelos irmãos. Assim, uma comunhão pode se desenvolver como um clã em torno da figura de um ancestral e inventor de sua arte”.

Imagem 6 - Masakatsu Yazaki tocando seu violino.



Fonte: André Luis Nakamura.

O Balé Yuba é reconhecido fora da Comunidade, se apresentando em shows e eventos, dentro e fora do círculo de atividades da cultura japonesa. Os seus membros treinam com disciplina, começando bem jovens.

Imagem 7 - Balé Yuba, academia dentro da Comunidade.



Fonte: André Luis Nakamura

Outra forma de expressão artística é a pintura, representada por Katsue Yuba. Além de pintora, é poeta e escritora, tendo duas publicações: *Katsue & Seus Contos* e *A Frondosa Árvore de Hama*.

Este capítulo não tem o objetivo de se tornar uma narrativa dos dotes artísticos da Comunidade, quantificando e qualificando cada um deles. Isso o tornaria muito extenso e incorreria no risco de esquecer-se de mencionar um dos muitos talentos dentro da Comunidade Yuba. O propósito é apresentar um modelo de manifestação artística – relativamente reconhecida quando “mercantilizada” – sem a influência direta da cultura de massa, sem o processo de “mercantilização” das habilidades humanas. Fica evidente que todos os talentos que afloram nesse ambiente estão isentos de uma lógica que posiciona pontuais elementos e instituições sociais como detentoras do conhecimento a ser “ensinado” por meio de contratos de prestação de serviço. Prova-se que, pelo processo de transmissão cultural, um indivíduo pode repassar ao outro as técnicas que o levarão a se

desenvolver no campo das artes. Todavia, essa transmissão depende de uma cumplicidade com o território e com o compartilhamento mútuo do tempo de atividade social de ambos os elementos. Há necessidade de uma sincronização social entre os membros do grupo, além de uma vinculação que tenha como liga comunicacional um entendimento comum, ou muito aproximado, a respeito dos códigos e dos signos que dão sentido e significado para as interações com o meio.

Outro aspecto, ainda no tocante ao dom artístico no objeto pesquisado, é que este serve como vinculador social. A oferta do fruto de uma habilidade artística se apresenta como um patrimônio do todo. Não é um “artista” recebendo mérito por suas músicas, pinturas, drama e demais atividades, é uma expressão de todo o grupo por meio de um ou mais integrantes, como mencionado; “Eu teria de ser muito rico para ter uma orquestra de alto nível tocando no palco da minha casa. Aqui em Yuba posso ter isso de graça’, orgulha-se Daigo [...]”. (OGUSICO, 2011, p.15).

Compreender uma sociedade que interpreta e significa a arte como algo a ser exteriorizado segundo as suas emoções e habilidade, assim como por outro lado, a ser observado e apreciado, sem que, tanto a produção e apreciação tenham como paridade o valor de troca, ou seja, o quanto pode ser pago ou recebido pelo resultado da prática artística, em tese, devolve o sentido original que a arte tem, em não poder ser “reproduzida” ou “comprada”. Tal reflexão se apoia à luz de Walter Benjamin, quando, em uma de suas obras, há o seguinte pensamento:

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da arte (BENJAMIN, 1996, p.167).

Embora Benjamin esteja apresentando a questão da reprodução de obras de arte, pela ótica de sua reprodução técnica e sob o aspecto da cópia, depreende-se que a natureza de uma obra tem sua raiz no tempo e no ambiente ao qual ela foi produzida, perdendo parte de seu significado ao ser retirado do local e desligada de seu contexto.

Todos os elementos que são citados pela Comunidade Yuba como pilar de sua filosofia, e que atuam como pontes para os vínculos interpessoais, seguem por uma lógica que não está orientada pela cultura de massa do capitalismo.

A oração é uma livre expressão em silêncio, não recebe uma pressão quanto a um modelo ideológico a ser seguido para sua execução; a terra é cultivada sem a utilização de recursos tecnológicos sofisticados, o que em tese, transformaria a Comunidade em uma fazenda de produção; a manifestação artística, embora tenha até mesmo membros com obras publicadas e o grupo faça apresentações públicas, tem maior dedicação para apreciação interna, e não segue regras ou técnicas sofisticadas, que seria uma das facetas da mercantilização e funcionalização de modelos artísticos.

Observa-se uma cultura isenta ou pouco impactada pela sincronização midiática. Não que seja um ambiente inócuo e estéril em sua própria cultura, mas suas variáveis se mantêm dentro de uma linha de valores que permite compreendê-la como própria deste restrito grupo, conferindo sua identidade. Ser um membro desta Comunidade implica em absorver décadas de pensamento contra-hegemônico e a ideologia do seu fundador, pois ela apresenta sinais de se manter, mesmo diante de ajustes que tem sido feitos para manutenção da coesão do grupo.

2. TRANSMISSÃO CULTURAL E CIBERESPAÇO

2.1. Um ambiente de cultura contra-hegemônica

Pelo Conceito de Hegemonia em Gramsci, de Luciano Gruppi, iniciamos apresentando sua citação sobre o termo para, em seguida, discorrer com base nesta obra.

O termo *hegemonia* deriva do grego *eghestai*, que significa "conduzir", "ser guia", "ser líder"; ou também do verbo *eghemoneuo*, que significa "ser guia", "preceder", "conduzir", e do qual deriva "estar à frente", "comandar", "ser o senhor". [...] Trata-se, portanto, de um termo militar (GRUPPI, 1978, p.1).

Inicialmente é compreendido que a hegemonia se dá por conta da luta pelo estabelecimento da posição dominante e tendo também como pano de fundo os conflitos ideológicos e/ou filosóficos. O não determinismo ou permanência de posições sociais, mantém ativa a dinâmica de forças que disputam o papel de liderança, e para que haja poder nestas articulações são feitas por meio de alianças. Por conta dos interesses das classes dominantes, vários setores³⁷ da sociedade passam a ser organizados em prol desta hegemonia, que também é mantida, na disputa de poder, entre conflitos e pressões. Mesmo na formação da liderança hegemônica há subordinação hierárquica, articulada pela disputa de força.

A hegemonia³⁸ não é uma posição "vitalícia", visto que a própria lógica deste ambiente se organiza pelo jogo de interesses, e segundo as necessidades imediatas de cada setor controlado pelos aparelhos ideológicos do Estado. A hegemonia se articula juntamente com os aparelhos ideológicos do Estado, uma vez que estes têm papel "fundamental" nas relações sociais, estando presente nos seguintes meios: religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, informação e cultural. Ainda que haja um processo "democrático", e um cidadão pertencente ao proletário ascenda ao poder, este será cooptado para o sistema, não podendo articular em favor das minorias sem criar conflitos com os interesses dos já estabelecidos na liderança.

³⁷ Entender, por setores da sociedade, os Aparelhos Ideológicos do Estado (Althusser): modelo de ensino, jornada de trabalho, leis, regras, religiões, forças de "defesa", obrigações e todos os elementos que são determinados para serem seguidos maciçamente, e que permitem aos detentores do poder ter um panorama de como os grupos estão se organizando e por conta de quais valores se organizam.

³⁸ Depreender como a ocupação da posição hegemônica, não a hegemonia como sistema.

Entende-se que é a não completa rendição a esta sociedade orientada por fundamentos hegemônicos, que leva o objeto de estudo a se organizar em um ambiente que busca manter seu próprio plano social, pois é assim que aponta a filosofia condutora aos passos de seu fundador, quando inicia a “Cultura Yuba”.

Entretanto, como foi visto nos capítulos anteriores, e tendo como base teórica a citação em Gruppi, uma *Associação Privada* detém o papel de *condução* ou *liderança*, ao sujeitar um indivíduo por um contrato de trabalho³⁹. Não há o laço comunitário, nem a vinculação por afinidade, há a dependência da subsistência orientada pela remuneração da apropriação da força de trabalho, a qual se orienta na capacidade ou não do empregado para atender às necessidades produtivas.

2.1.1. A transmissão cultural

Uma obra que oferece conteúdo para a compreensão sobre civilização e transmissão cultural é *O Processo Civilizatório* de Norbert Elias. Segundo o autor, a questão da transmissão cultural remonta toda a história da civilização. Trata-se do acúmulo sucessivo de experiências, vivências, interações, trocas, adaptações e toda a dinâmica à qual os indivíduos estão sujeitos no curso de sua vida social.

O homem civilizado já nasce condicionado⁴⁰ ao ambiente de cultura. Assim, cada gesto, som, e impressões do meio no qual o indivíduo se desenvolve, passam a construir a sua dinâmica de ação e reação junto a seu *óikos*, que precede à sua existência.

Partindo desta premissa em Elias, há de se inferir que, ainda que o território mude, e os hábitos possam ser opostos, há uma “ligação social” entre todos os seres civilizados, ou seja, aqueles que participam na dinâmica do mundo civilizado.

³⁹ Aqui é feita menção direta ao funcionário na Comunidade.

⁴⁰ Na totalidade da obra de Elias, *O Processo Civilizatório*, é possível inferir que mesmo quando o elemento busca uma tomada de decisão, ou busca seguir um caminho ou outro, este não é pleno de sua vontade. Nada é além de resíduos de informações, ou condicionamento delegado por outro meio de valores, já desenvolvidos. Em tese, a escolha individual já é coletiva, pois as circunstâncias e parâmetros que conduzem à “decisão”, já foram pensados e articulados por outros em um processo de acúmulo. O indivíduo apenas adotou um caminho já construído, e ainda que este seja uma oposição, a própria oposição é algo aprendido em alguma parte do processo cultural. Há coletividade no ambiente de cultura, e esta interfere em cadeia, por toda dinâmica da civilização.

Esta lógica pode ser mais bem compreendida apoiando-se em um dos trechos (contextualizado) ⁴¹ de uma das obras de Giddens:

Hoje em dia, as ações cotidianas de um indivíduo produzem consequências globais. Minha decisão de comprar uma determinada peça de roupa, por exemplo, ou um tipo específico de alimento, tem múltiplas implicações globais. Não somente afeta a sobrevivência de alguém que vive do outro lado do mundo, mas pode contribuir para um processo de deterioração ecológica que em si tem consequências potenciais para toda humanidade (GIDDENS, 1997, p.75).

Ely Chinoy apresenta uma característica da cultura para que possa ser formulada uma reflexão sobre este elemento da civilização.

Os antropólogos têm referido muitas vezes que, ao perguntarem a membros de pequenos grupos pré-letrados por que agem de determinada maneira, recebem uma resposta equivalente a: “É assim que se faz” ou “É o costume” [...] Habitados à própria maneira de viver, os homens, frequentemente, não concebem outra (CHINOY, 1980, p. 57).

Com relação a uma abordagem mais “conservadora” de Chinoy, Giddens apresenta o contraponto de que toda a sociedade acaba por ser impactada conjuntamente nas ações individuais, mas pelo que se depreende isso se dá por conta do processo de “degradação” ou alteração do *óikos*, que decorre do processo capitalista, ou da produção e consumo.

Ao dar atenção à questão da reprodução, “automática”, de valores e costumes em pequenos grupos, há a percepção de que a questão da relatividade social também é um elemento pertinente na estabilidade, ou não, do conjunto de valores e convenções de um grupo, assim como de uma nova leitura do seu entorno, que pode ou não repercutir nas suas mudanças de hábitos.

Durkheim aponta a importância da insatisfação do indivíduo no processo de desenvolvimento dos modelos sociais. A dinâmica aplicada em uma comunidade limita o senso de insatisfação. Pois o convívio maior se dá entre os membros do grupo, subtraindo grande parte das referências externas que levariam o indivíduo a questionar sua posição social mediante outro modelo de vida (NAKAMURA, 2011).

A dinâmica da relatividade social pode ser considerada uma variável que permite ao objeto manter seu ideal de cultura por 77 anos sem maiores desvios. Seu

⁴¹ No conjunto da obra fica mais clara esta reflexão.

"encapsulamento" territorial confere condições para que os membros desenvolvam a dinâmica do grupo sem maiores necessidades de vínculos a elementos estranhos, ao passo que seu conhecimento sobre o meio que os cerca se faz elementar, mas as trocas com este não são potenciais, ou intensamente necessárias.

Diante de toda esta dinâmica de atividades às quais o homem civilizado se insere, seja de maneira ativa ou como alvo da reverberação de ações externas ao seu meio, faz-se uma análise quanto à manutenção dos valores culturais que são a liga vinculadora no objeto pesquisado.

2.1.2. O repasse cultural, e a contra-hegemonia na Comunidade Yuba

Há 77 anos o Yuba busca manter a reprodução do ambiente de cultura pensado pelo seu fundador. No curso desta história, precisaram mudar de território, se recuperar de dificuldades financeiras e alterar a sua produção agrícola para atender ao mercado⁴². Tais eventos poderiam ter desorientado a proposta inicial desta sociedade, mas o relativo controle na seleção dos membros, tanto efetivos quanto temporários, aponta ser um aspecto que serve como estabilizador do ambiente de valores. O idioma do grupo não é o oficial dos aparelhos ideológicos que o cercam, e seu modo de produção e sustento não segue a lógica da economia por escala⁴³, assim como sua manifestação artística é resultado do compartilhamento interno de técnicas.

Por conta das peculiares formas deste grupo em se organizar, pode-se apontar que a sua relativa resistência ideológica contra-hegemônica, tem a propriedade de manter e/ou reproduzir os seus traços culturais⁴⁴ linearmente, ou seja, menos passível de um aculturamento. Grosso modo, sem a colonização de seus ideais.

⁴² Reforçando que a produção tem como principal objetivo a manutenção essencial ao grupo, não se trata de um modelo de negócios voltado ao acúmulo de riquezas, lucro ou mudança de posição socioeconômica.

⁴³ Resguardando o fato de serem empregadores, ainda que de um único sujeito.

⁴⁴ Pontualmente a cultura da Comunidade Yuba, que busca seguir valores de filosofia de vida Rousseauiana.

Busca-se em Poulantzas⁴⁵, uma citação para melhor depreender sobre a intervenção dos aparelhos ideológicos do Estado na construção de um ambiente, tanto simbólico quanto físico.

Justamente, a determinação estrutural de classes não se limitando a lugares somente no processo de produção – a uma situação econômica das classes em si – mas se estendendo a todas as camadas da divisão social do trabalho, tais aparelhos intervêm, como encarnação e materialização das relações ideológicas e políticas, na determinação de classes. Tais aparelhos, e principalmente os aparelhos ideológicos do Estado, intervêm então, pelo seu papel na reprodução das relações políticas e ideológicas, na reprodução dos lugares que definem as classes sociais (POULANTZAS, 1987, p.31).

Assim como para Guiddens a ação do indivíduo acaba por reverberar no conjunto social, independente da distância, seja territorial ou cultural, Poulantzas nos oferece o entendimento de que os aparelhos ideológicos do Estado operam como precursores de tal sincronização.

Por outro lado temos Benjamin, que nos apresenta pensamentos⁴⁶ sobre a história que é conhecida pela mediação dos que tomaram a posição dominante no curso da história.

Em suma, podemos supor, como Lichtenberg, que os cachorros, as vespas e os marimbondos, se fossem dotados de razão humana, talvez pudessem se apoderar do mundo; os intelectuais, apesar de serem dotados dessa razão, são incapazes de fazê-lo. Eles podem trabalhar no sentido de que o poder chegue às mãos daqueles que façam desaparecer, o mais rapidamente possível, aquela espécie singular de seres humanos, que nada mais são do que um estigma no corpo comunitário abandonado pelo espírito (BENJAMIN, 1986, p.143).

Para Benjamin, as contribuições intelectuais só passam a ser difundidas para o todo após avaliação, aceitação e a chancela do poder, no caso o Estado e/ou seus aparelhos. Assim como é contemplado o pensamento sobre a burguesia como

⁴⁵ Faz-se a ressalva de que o ator trata a questão de Classes Sociais, e com foco na produção/trabalho. Todavia suas análises contemplam, e assim se dá o contexto, as questões ideológicas e as formações sociais. Aspectos que se relacionam com as variáveis de um ambiente de cultura, sendo esta qualquer articulação que dê orientação ou base ao comportamento do indivíduo social.

⁴⁶ Pensamentos, estes, elaborados em sua temporalidade, quando o autor percebia os impactos da guerra, assim como seu contexto, no trecho da obra, que trata a questão da educação e da responsabilidade dos intelectuais, mas que pode ser apropriado para reflexão sobre a posição da hegemonia e seus impactos na cultura, e sucessivamente na história.

detentora dos valores e regras que serão disseminados para que a massa os reproduza.

O autor nos aponta que ao deter o mérito em regular, mensurar e “rotular” regras e valores sociais, o “poder” tem como um de seus elementos o entorpecimento da livre reflexão ou da criatividade isenta de regras.

Apoiando-se nas obras contempladas, é possível inferir que a contra-hegemonia se possibilitaria plena apenas em uma sociedade que não tivesse nenhum tipo de vínculo com outra que a antecedesse ou estivesse paralela a ela, seria passível de um total isolamento social.

A própria linguagem é um elemento da hegemonia, e mantém sua legitimidade⁴⁷ pelos aparelhos ideológicos do Estado, constituindo uma das variáveis de cultura e identidade étnica.

É coerente depreender que o Yuba resista a alguns elementos que se apresentam como pontos característicos de uma força dominante, sendo então a sua contra-hegemonia uma parcial rejeição de um estado, para admissão de outro modelo de poder, pois este espaço comunitário se organiza em regras. Estas são verticais, ainda que o consenso as apresente como de comum acordo, e quando passam a ser uma regra na admissão de novos membros, assim como em sua permanência, uma “nova hegemonia” passa a orientar o que é ou não permissível.

No Yuba não há total contra-hegemonia, nem seria possível diante dos compromissos legais e das necessidades econômicas, assim como a reprodução inevitável de convenções e regras que antecedem tanto sua existência quanto ao seu ideal. Mas também não há um sucumbir pleno às ideologias dominantes. É percebido um ambiente híbrido, mais pela necessidade do que pela idealização.

Toda tradição e conjunto de regras aplicadas, e seguidas por gerações, gradativamente⁴⁸ passam a dividir espaço com o turismo interno, assim como a

⁴⁷ Sendo transmitida, hora no seio familiar, hora nas instituições de ensino, e no entorno. Elemento essencial à inserção social. Podendo ser “apropriada” para ser comercializada, em forma de ensino, a múltiplos ambientes aos quais ela não se reproduz pelo aparelho familiar, ou comunitário.

⁴⁸ A “abertura” para estranhos no espaço comunitário é efetivada a partir da morte de seu fundador. Antecedente a este evento, o relato é de que a restrição era mais rígida, assim como a circulação de seus membros para fora do ambiente.

maior frequência de saídas dos jovens para fora da fazenda, e seus laços de amizades com indivíduos não pertencentes ao seu grupo.

Quando tratamos o Yuba como uma Comunidade Rousseauiana, buscamos um trecho na obra⁴⁹ que inspirou o seu fundador.

Mas considerai primeiramente que, querendo formar um homem na natureza, nem por isso se trata de fazer dele um selvagem, de jogá-lo no fundo da floresta; mas que, entregue ao turbilhão social, basta que não se deixe levar pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; que veja com seus olhos, que sinta com seu coração; que nenhuma autoridade o governe a não ser sua própria razão (ROUSSEAU, 1995, p.291).

No conjunto da obra⁵⁰ muitos pontos vão validando a força que mantém ativo um ideal, ou parte dele, por 77 anos. Por conta das citações encontradas, surgem bases como a não inclinação às paixões comuns⁵¹, que se interpretam como as convenções orientadas pelas classes dominantes, ou pelos aparelhos ideológicos do Estado; a não sujeição às ideologias. Não ser movido pelo que se ouve, e sim pelo que se conhece, assim como a não subordinação às autoridades⁵². Esta não subordinação aponta com a liberdade na produção, a não circulação interna de dinheiro, o tempo livre, a arte “rústica”, a manutenção do idioma ancestral, ou seja, abrir mão de muitas facilidades da modernidade para poder viver uma filosofia centenária.

2.2. O ciberespaço

2.2.1. O ciberespaço e a subjugação

Para iniciar a reflexão sobre o ciberespaço, buscou-se um recorte na obra de Richard Barbrook.

⁴⁹ Um trecho entre tantas passagens de *Émilio, ou Da Educação*, de Jean-Jacques Rousseau, que trata uma filosofia, ou um modo de viver, que é encontrado no objeto, assim como a ponte que faz com os autores que trabalham o pensamento sobre hegemonia.

⁵⁰ Ainda citando *Émilio*, e a conexão de Isamu com os pensamentos do autor.

⁵¹ Obviamente são pessoas, com vontades, desejos e necessidades. O que se coloca como paixão comum, no caso da cultura regrada pela plena ou forte hegemonia, seria: desejo de carreira profissional, projeção social, busca por marcas e objetos que validem o *status* mediante a sociedade, entre muitos outros símbolos estabelecidos verticalmente, de cima para baixo, para serem aderidos pelos cidadãos, como uma “cenoura”, que manterá a sociedade correndo incessantemente na busca de um progresso nunca atingido.

⁵² Aqui não se fala em anarquia, ou insurgência, e sim na livre opção em não seguir regras determinadas para massificar os desejos e o comportamento.

Essa visão utópica de unidade mundial inspirou a frase de efeito mais famosa de McLuhan: “a aldeia global”. A convergência tecnológica da televisão, satélites e computadores na Internet iria – ao mesmo tempo – criar um sistema social único para toda a humanidade e restaurar a intimidade de se viver em uma comunidade tribal. O melhor do novo seria combinado com o melhor do velho. Essa feliz profecia contribuiu muito para a enorme popularidade de *Os meios de comunicação como extensões do homem*. [...] A chegada iminente da Internet significava que as pessoas em breve viveriam, pensariam e trabalhariam numa civilização pacífica, igualitária e participativa (BARBROOK, 2009, p.115 e 116, grifos do autor).

McLuhan apresenta ao mundo uma visão utópica com relação à Internet, além de privilegiar o meio em detrimento da informação ao afirmar: *o meio é a mensagem*.

O autor ainda parte para uma espécie de futurologia “dos anjos”, na qual aponta que a Internet levaria todas as articulações e conjunturas pertinentes à dinâmica dos vínculos sociais, a serem efetivadas sem o conflito, a diversidade e o individualismo. Grosso modo, um ambiente totalitarista e isento de senso crítico, mas com uma roupagem de “iluminação” da espécie.

Se levarmos em consideração o título: *Os meios de comunicação como extensões do homem*, podemos interpretar que a Internet recebe um apelo publicitário maquiado de fundamentação teórica acadêmica⁵³, o que a transporta sob a ótica de uma “tese”, sendo apreciada e reproduzida por muitos simpatizantes de McLuhan. Aponta-se este reconhecimento como um sucumbir às técnicas publicitárias, ardilosamente elaboradas.

Quando pensamos em ciberespaço, seria justo também pensarmos que a lógica da produção é que leva ao desenvolvimento do suporte a fazer ponte entre os indivíduos e este “ambiente” cibernético⁵⁴.

De facto, a cibernética tornava-se, não a ciência da organização comunicacional, mas a ciência do comando pela comunicação. O legítimo espanto de Wiener acerca da ligação comando/comunicação suscitava o problema da organização na e pela comunicação. A ausência de espanto acerca da dominação do comando mostra que a evidência duma organização comandada de modo normativo e imperativo por uma entidade superior se impôs a ele (MORIN, 1977, p, 221/222).

⁵³ Marshall McLuhan foi um filósofo e educador canadense.

⁵⁴ Sistema de autocontrole.

O autor menciona Norbert Wiener, pelo fato deste ter sido um matemático conhecido como fundador da cibernética. Wiener ofereceu seus conhecimentos para a indústria bélica, a serviço do governo Norte Americano, durante a Segunda Guerra.

Morin radica na problemática sobre a sujeição do homem a uma máquina por ele mesmo desenvolvida, carregando sua lógica e seus interesses, e que passa a receber o *status* de um “ser emancipado”. Este desvio de percepção do humano em relação a um aparelho que ele mesmo cria, o leva a subjugação.

O computador não foi desenvolvido com a proposta de aperfeiçoar as relações humanas. Ele tem a finalidade de facilitar estratégias militares, a produção industrial e “intelectual”⁵⁵, a redução de custos e da mão de obra.

Este tem a potencialidade de subtrair a materialidade da força empenhada, ou do valor intelectual/temporal, além de “marginalizar” atributos que não se insiram na lógica da informática, como aponta Cazeloto.

Ao mesmo tempo em que constrói uma “elite”, voltada às formas de valorização simbólica do trabalho imaterial, a informatização atua na chamada “desqualificação” de formas de trabalho típicas do industrialismo. [...] Esse, inclusive, será um argumento promocional utilizado pelos programas de inclusão digital ao reiterarem a crença de que os postos de trabalho com melhor remuneração e qualidade estão disponíveis a todos que “se atualizarem” (CAZELOTO, 2007, p. 22, grifos do autor).

A inferência que se faz ao buscar interpretar a crítica à cibercultura é a de que as estruturas sociais têm apresentado, ao olhar não crítico, um ambiente de facilidades. Muitas tarefas deixam de exigir o deslocamento, assim como a intermediação de um profissional.

Todavia o sistema não é benevolente e as corporações não investem em tecnologia apenas para melhorar a vida das pessoas.

O computador em rede, ou não, é uma ferramenta criada para que a produção seja mais rápida e conseqüentemente mais barata. A eliminação de postos de trabalho não é um simples efeito colateral da informatização, mas a estratégia de

⁵⁵ Facilita, por exemplo, no sentido de poder ter concentradas em um único suporte/meio várias informações que servirão como base para produção, entre outras “facilidades” da velocidade. Todavia, não é um “facilitador” da criatividade, esta cabe ao sujeito.

uma ferramenta que teve seu ápice de desenvolvimento na guerra fria (BARBROOK, 2009).

Entretanto, a rede não fica limitada ao campo militar e o da produção institucionaliza. Em meados de 1990, a Internet passa a ser assimilada pela sociedade, fora da percepção de produção. Podemos citar Poulantzas⁵⁶:

Os aparelhos do Estado têm como principal papel a manutenção da unidade e a coesão de uma formação social que concentra e consagra a dominação de classe, e a reprodução, assim, das relações sociais, isto é, das relações de classe. As relações políticas e as relações ideológicas se *materializam* e se *encarnam*, como práticas materiais, nos aparelhos de Estado (POULANTZAS, 1975, p. 26).

O ciberespaço se desenvolve em conformidade com os interesses da *elite* social. São os detentores de poder que dominam todo o processo deste “ambiente”. Ele envolve capital, tecnologia, articulações políticas, *reorientação educativa*, e muitas outras atividades pertinentes aos aparelhos ideológicos do Estado.

No tocante às relações de classe – ainda que se apresente como *O Suporte* de acesso para um ambiente “democrático” e de “igualdade”, o computador, como ferramenta de acesso ao ciberespaço, mantém o conflito de classes, ou a segregação. Pior, ele acentua estas diferenças.

O ambiente de rede oferece acessos, e estes continuam com seus preços. O ciberespaço passa a ser uma “janela com grades”, que vai se estreitando a cada dia, exigindo a reposição e/ou atualização das ferramentas (*hardware*, *software*, conexão) para que o indivíduo que está conectado possa ter acesso, “pleno”, à sua janela novamente.

No que toca a atual adesão massificada ao ciberespaço – em plataformas de “relacionamento” –, além dos já mencionados aparelhos ideológicos que, em sincronia, propiciaram este universo de seres informatizados, há uma reflexão que pode ser buscada em Maffesoli⁵⁷ (2006, p.35):

⁵⁶ Embora o autor não esteja tratando a temporalidade da inclusão digital, sequer a mencione, os mecanismos e aparatos que ele cita se relacionam a esta pela similaridade de sua lógica, e de sua arquitetura.

⁵⁷ Embora trate a questão do Minitel - "Ponto de Acesso do Videotexto" – mais comum na França, e que foi apontado como responsável pelo atraso da difusão da Internet naquele país, justamente por sua confiabilidade e isenção de assinatura. Todavia utilizado para comunicação em rede.

Com auxílio da tecnologia, como por exemplo nos reagrupamentos favorecidos pelo Minitel, é no quadro efêmero de tal ou qual ocasião específica que um certo número de pessoas vai se (re)encontrar. Essa ocasião pode suscitar relações contínuas, ou não. O que ela não deixa de fazer, em todo caso, é criar “cadeias” de amizade que, segundo o modelo formal de redes, analisado pela sociologia americana, permite uma multiplicação das relações através, apenas, do jogo da proxemia: alguém que conhece outro alguém etc... .

Para Maffesoli (2006), cadeias de amizade são multiplicadas por conta da proxemia, uma multiplicação pelos graus de separação – a lógica de que todos se conhecem dentro de um limite de graus de separação –, tal o motivo do grande número de pessoas conectadas em rede, o que não significa vinculação.

2.2.2. O ciberespaço e o isolamento, a sedação

O ciberespaço não é um elemento a parte do espaço físico. Ele exige, efetivamente, de um grande aparato tecnológico, mão de obra e recursos materiais, produzidos e reproduzidos na sociedade territorialmente situada. As articulações que ocorrem em rede são pensadas e articuladas territorialmente, assim como a sua operação é constituída de elementos física, e territorialmente estabelecidos. As facilidades oferecidas aos utilizadores são repassadas em forma de atividade física e territorial, aos que mantém esta interface em atividade. O ciberespaço seria inviável sem território para situar os equipamentos, assim como o empenho humano no “abastecimento” de sua lógica, apoiada pelos usuários.

A crítica que se faz ao ciberespaço é: o usuário paga por toda estrutura que permite o acesso à rede, e assim subsidia serviços que poderiam ser ofertados juntamente com vários postos de emprego.

Por essa lógica, os internautas estão pagando a operação das empresas, enquanto estas reforçam o uso da Internet, conseguindo com esta retroação potencializar seu lucro e forçar a inclusão de novos usuários.

Algumas atividades que contemplavam a presença física, tais como pesquisas em bibliotecas públicas e a socialização dentro do mesmo *óikos* – que auxiliava na resolução de questões pertinentes a cada grupo/comunidade – passam

a serem resolvidas em um teclado de computador, chancelando o monopólio da detenção de informações, e a redução de vínculos sociais.

O ciberespaço aponta para uma sociedade isolada coletivamente, por conta da sedução pelo excesso, e da exposição. Segundo Norval Baitello Jr.:

Quando sentamos o corpo, sentamos também a nossa base comunicativa, nossa mídia primária e sua capacidade de gerar linguagens e vínculos comunicativos. Assim estamos sedando o corpo, mas ao lado de sedar o corpo, estamos sentando e amansando, domesticando o próprio pensamento. Nossa capacidade de pensar, de comunicar, de agir, acaba sendo ditada de alguma forma pela cadeira [...]. Um pensamento sentado significa um agir acomodado, conformado e amansado, incapaz de sequer decifrar o mundo ao seu redor e menos capaz ainda de atuar de modo transformador. Cabe-nos hoje pensar – com o pensamento em pé, pronto para saltar ou correr – o que é que está fazendo o desenvolvimento da mídia com as nossas mentes. Transformando-nos em seres sentados e sedados? (BAITELLO JR., 2005, p.37).

Para uma sociedade estruturada em fundamentos e valores hegemônicos, a sedação “voluntária” serve para a manutenção ativa na separação de classes – intencional ou não –, atendendo aos donos do capital com muita eficácia, sem deixar de considerar que o ciberespaço pode ser utilizado na captação de informações diversas sobre as mais variadas camadas sociais, étnicas e ideológicas, permanecendo como uma ferramenta estratégica de guerra, seja ela efetivamente bélica, ou taticamente na formação das estruturas de controle pelo capital.

A consolidação transnacional da velocidade como comunicação, em tempo real representa, em si mesma, para além de sua expressão setorial, fragmentária, atrelada ao território geográfico, a vigência do dispositivo sociodromológico como regime estrutural e universal, de caráter sistêmico definido, numa palavra, como dromocracia, em sua tipificação midiática. [...] a velocidade técnica e tecnológica equivale a um macrovetor dinâmico exponencial de organização/desorganização e reescalonamento permanente de relações e valores sociais, políticos e culturais na atualidade (TRIVINHO, 2007, p.69).

O ciberespaço se apresenta como um ambiente articulado por instrumentos criados pelo homem, e com inicial finalidade bélica e de produção. Confere como elemento dominante a este “ambiente”, a velocidade e a aceleração dos indivíduos que se entregam para sua lógica.

A imersão, ou uso contínuo deste “meio”, entorpece os sentidos humanos, por retirar a percepção de espaço e de tempo, sendo estes dois elementos essenciais

para que o indivíduo se situe e se oriente, em sua permanência e sua cultura. Mas por entorpecer e desorientar, levando à perda parcial do sentido sensorial, se faz objeto de sedução e retenção; teoricamente uma arma em favor de seus detentores.

2.3. Yuba e Internet

2.3.1. Yuba um ano e meio após a instalação da Internet⁵⁸

A primeira impressão ao retornar para a Comunidade é a de que não houve mudança alguma nos hábitos apresentados como principais traços de sua cultura contra-hegemônica. Todavia, um evento chamou a atenção do pesquisador no ato da segunda visita: o *Bon Odori*⁵⁹, de 2012. Foi possível observar que, ao mesmo tempo em que a Comunidade é interpretada como um ambiente relativamente fechado, também passa a ser uma referência dos valores ancestrais japoneses para as demais colônias vizinhas participantes do festival – um dos elementos que conduz para esta análise é a forte participação⁶⁰ dos membros da Comunidade no “Palco Central” da comemoração.

Imediatamente após o evento⁶¹, uma “comunidade” foi criada na plataforma Facebook, de nome homônimo à Comunidade Yuba, apresentando o grupo com a seguinte descrição:

O Ponto de Cultura Cultivar a Arte, da Associação Comunidade Yuba, tem como proposta fortalecer seu núcleo através de encontros culturais, com o objetivo de gerar reflexão, fomentar novas criações artísticas e formar as novas gerações através de trocas e vivências em diálogo com a filosofia da comunidade: a arte ligada ao cultivo da terra e à oração. Além disso, busca intensificar e ampliar o raio de suas ações culturais, de forma que as comunidades do entorno possam usufruir da infraestrutura do Yuba, possibilitando que a experiência trazida em meados do século passado possa ser aprendida por outras pessoas (COMUNIDADE YUBA⁶²).

⁵⁸ Este capítulo é elaborado por meio de artigo, do próprio autor, apresentado para apreciação na Revista ComTempo, ainda em processo de avaliação no término desta pesquisa – deixando resolvido que se porventura vier a ser publicada, foi por meio dela que o autor chegou a diversos tópicos deste capítulo.

⁵⁹ Trata-se de uma festividade japonesa com música, dança e culinária típicas, embora tenha o sentido de celebrar ou homenagear os antepassados. Algo como o feriado de Finados no Brasil.

⁶⁰ O evento teve seu início determinado pela presença de representantes do Yuba, o mesmo ocorreu com o encerramento.

⁶¹ Ao retornar do ambiente de pesquisa, foi possível verificar a página recém-criada no Facebook. A primeira postagem documentada foram fotos legendadas do evento mencionado.

⁶² COMUNIDADE YUBA. **Descrição.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/ComunidadeYuba?fref=ts>>. Acesso em: 10 set. 2012.

Imagem 8 - Bon Odori 2012, Mirandópolis, Membros da Comunidade Yuba.



Fonte: André Luis Nakamura

Por conta do texto apresentado no perfil da página⁶³ do Facebook, percebe-se a proposta de expandir a cultura Yuba, assim como há a oferta de que o entorno da fazenda possa utilizar seu espaço. Pode-se inferir que o pensamento sobre um ambiente fechado é um equívoco. Seria mais justo analisar como um *óikos* dedicado para vivenciar experiências da “Cultura Yuba”, no qual a permanência efetiva depende da adaptação do entrante e de seu conselho.

Entradas e saídas, de moradores ou visitantes, não são limitadas com a intensidade⁶⁴ que possa “rotular” o ambiente como fechado; e por tal característica se confirma o ideal do seu fundador: o da liberdade.

⁶³ Não se toma juízo de valor e, sim, busca-se apresentar o ciberespaço permeando um ambiente que até então ficava restrito aos testemunhos vivenciados, e que agora passa a ser acessado abertamente por computadores em rede.

⁶⁴ Obviamente, assim como uma residência, é preciso receber uma autorização de entrada, mesmo que para uma visita. A saída é totalmente livre, não havendo necessidade de aviso, solicitação ou autorização. Mesmo moradores, após comum acordo, podem deixar o ambiente para buscar outro meio de vida. E isso ocorreu inúmeras vezes no curso de sua história.

Esta proposta, de abertura e compartilhamento ao entorno, não havia sido notada na primeira visita, assim como não é possível perceber tal intenção pelo simples convívio com o grupo.

A exposição de um pensamento, ainda que seja apenas uma frase, ou um texto na Internet e por meio de uma plataforma de uso massificado, leva a inferir de que seus membros passam a adotar como meio de comunicação, um suporte ligado em rede, e que tem a propriedade de “cobrar” dividendos à sua utilização ⁶⁵.

2.4. Antes e após a inclusão digital

Para poder documentar uma comparação de um recorte visual, o pesquisador procurou documentar fotograficamente a primeira e a segunda visita, sob o mesmo ponto de vista e nas mesmas circunstâncias, tomando-se como referência o cultivo e/ou o trabalho manufaturado, o momento das orações e as artes.

Imagem 9 - Oração 2011 – Três meses da inclusão digital (esquerda) e 2012, pós inclusão digital (direita).



Fonte: André Luis Nakamura.

⁶⁵ Este custo de utilização é dado pela velocidade da perda na eficiência no suporte, e no volume de transmissão contratado, que se tornam ultrapassados por conta de *softwares* que demandam maior capacidade de processamento e de dados, e que rapidamente ficam incompatíveis com programas “obsoletos”.

Imagem 10 - Manufatura/2011 – três meses de inclusão digital (esquerda) e 2012 – pós inclusão digital.



Fonte: André Luis Nakamura.

Imagem 11 - Arte/2011 – três meses antes da inclusão digital (esquerda) e 2012 – pós inclusão digital.



Fonte: André Luis Nakamura.

Tomando-se como base gestos e ações que acontecem no ambiente coletivo, é possível afirmar que 18 meses de inclusão digital não transformaram a rotina da Comunidade Yuba. Por outro lado, parafraseando Benjamin (1986), com relação ao lado artístico da Comunidade: a arte deve ser valorizada no espaço e no tempo no qual ela se desenvolve, ou seja, não tem a mesma dimensão quando é reproduzida, seja por meio de aparelhos ou cópias. A arte ao ser veiculada com a utilização de um suporte informatizado⁶⁶ desloca-se da imaginação de quem não a conhece e

⁶⁶ Aqui estamos tratando da questão da página da Comunidade Yuba na plataforma Facebook e como este novo elemento, intermediando o que há dentro da comunidade com o mundo externo, muda o sentido daquilo que é percebido pela imaginação de quem conhece o grupo por meio de reportagens ou testemunhos, passando a ser quase uma afirmação de como se dá o ambiente de cultura, pois leva a inferir que uma página “gerenciada” pelo Yuba apresenta afirmativamente a total realidade do ambiente. Tudo isso por conta de fotos-legendas.

passa a pertencer a um imaginário⁶⁷, consequentemente envolvendo recortes que não correspondem ao seu ambiente de cultura. Esta é uma breve reflexão crítica do pesquisador em relação à adesão do Yuba ao Facebook para apresentar suas tradições culturais no campo das artes, em fotos, ao ambiente externo.

2.4.1. A inclusão digital, um olhar sobre o Yuba

Com a finalidade de buscar elementos que pudessem apontar a Inclusão Digital como causadora de algum impacto⁶⁸, ou não, uma observação no ambiente foi feita sobre a utilização da Internet.

Masakatsu Yasaki é um dos moradores com muitas atribuições: cuida do acervo cultural, ensina violino, escreve peças para o teatro e ministra aulas de língua japonesa. Ele utiliza a Internet para administrar a Home Page do Yuba⁶⁹, e percebe que a comunicação foi facilitada em razão do espaço e tempo. Trivinho (2007) trata o ciberespaço como um ambiente metafórico, onde o tempo e o espaço mudam de sentido e tudo é acelerado, causando o que ele chama de dromo patologias⁷⁰. O que neste momento, para o Sr. Yasaki, chega como solução, em alguns ambientes tem provado ser um inconveniente⁷¹: a necessidade do imediatismo.

Mais dois aspectos são apontados. Um deles é a facilidade de se obter informação sobre o mundo; o segundo aspecto é o seu contraponto, pode-se inferir que na percepção de Masakatsu é preciso “tomar cuidado para não perder tempo abrindo páginas desnecessárias”. Ele compreende que o risco é ficar olhando as imagens pensando que se está no local, quando isso não é verdade, e assim ficar parado deixando o tempo passar. Esta inferência levou o pesquisador a buscar um paralelo com o pensamento de Norval Baitello Jr.

⁶⁷ Para conceituar de modo sucinto, busca-se em Milton Pelegrini (Mídia e Tempo) o entendimento de que o imaginário pode ser configurado como uma imagem contaminada por elementos que alteram a livre associação do indivíduo.

⁶⁸ Tratamos a palavra “impacto” de forma ambígua, tanto no sentido de ganho/benefício, quanto de perda/dano. Sem prévio senso de valor.

⁶⁹ Desenvolvida paralelamente à Inclusão Digital, e de caráter informativo.

⁷⁰ Situação na qual o indivíduo acaba entrando em colapso ao tentar acompanhar ou superar a velocidade dos computadores. Edílson Cazeloto, em sua obra “Inclusão Digital”, também debate a questão dos computadores conectados em rede como forma de acelerar o tempo e reduzir os custos de produção. Esta análise de Cazeloto não é positivista, mas crítica, pois aponta que o personagem sai de seu papel de sujeito para a posição funcional, facilmente “descartável” por efeito do metarrelato da necessidade de conexão.

⁷¹ A base teórica para esta afirmação são as dromo patologias observadas por Trivinho.

A partir de então, quando elas encontram nossos olhos e neles se animam, ocorre a segunda inversão: como as imagens vivem em nossos olhos, deixamos de ser também aqueles que vêem as imagens, pois a maior parte nelas é invisível e a maior parte em nós é tornada artificialmente visível, sendo elas que nos vêem, antes que as vejamos. Quando acreditamos que as vemos, é porque elas já nos viram há tempos, já roubaram a vida e a vontade de nossos olhos e já os programaram para acreditarem estarem vendo (BAITELLO JR., 2005, p.49).

Issamu Yazaki, outro usuário da Internet, além de fazer todas as demais atividades que o grupo executa, trabalha como motorista e comprador da Comunidade. Para ele, a Internet facilita o pagamento de títulos, ajuda com a previsão do tempo e auxilia na cotação dos preços de insumos agrícolas e das demais compras comunitárias. Ele também a utiliza para verificar trajetos. Seu maior ganho é o tempo extra e a redução de custos por poder pesquisar sem se deslocar. Em contrapartida, Yazaki teme pela invasão de privacidade e pela possibilidade de que vírus possam corromper o computador.

Satiko Yuba, que tem a atribuição de selecionar e recepcionar os visitantes, cuidar do orçamento da Comunidade, resolver assuntos burocráticos; enfim, exerce um papel ativo nas relações da comunidade com o ambiente externo, também utiliza a Internet. Para Satiko, o principal benefício é na obtenção de informações para a manutenção da lavoura, assim como para demais pesquisas, de cunho pessoal. Sua percepção do ambiente em rede é a de que não há segurança para trocar informações com elementos estranhos.

Atividades como a oração e as artes, não apresentaram estar recebendo impactos, por outro lado, a técnica de cultivo se reorienta por informações que chegam pela Internet ⁷².

Todavia, seria pretensiosa uma busca por mudanças expressivamente perceptíveis em um ambiente consolidado há décadas, em um intervalo de 18 meses, e por conta de uma única variável, interpretada como elemento influenciador. Mas possibilidades de alteração, a médio ou longo prazo, podem ser inferidas ao se

⁷² Foi observado que o cultivo passa a adotar técnicas adquiridas por conta do uso da Internet, sendo que estas não seriam uma nova variável nas habilidades de produção, não fosse a interferência do ciberespaço. Pois foi entendido que as informações que levam à mudança de hábito no cultivo – adotar insumos agrícolas com a finalidade de “proteger” e melhorar a produção – não seriam possíveis devido à necessidade acesso às fontes especializadas de informação, não contidas no acervo do grupo, ou no seu entorno.

tomar como suporte ao raciocínio as obras de acadêmicos e/ou pesquisadores que contemplam áreas do conhecimento afins ao objeto de pesquisa.

3. A VELOCIDADE E A VIOLÊNCIA OCULTA

Faz-se necessária a citação de um trecho na obra de Trivinho, para iniciar a reflexão apoiada no fruto de suas pesquisas, buscando suporte em mais pesquisadores.

Dromos, prefixo grego que significa “rapidez”, vincula-se obviamente – com base na dimensão temporal da existência –, ao território geográfico (na qualidade de coordenada espacial), portanto à *urbis*. Mantém, não obstante – algo menos notado –, umbilicais ligações com interesses de logística, estratégia e tática; numa palavra, com o campo bélico. Fundamentalmente, velocidade e guerra – Virílio mostra em seus ensaios – são faces conexas do mesmo processo (TRIVINHO, 2007, p.46, grifos do autor).

A ordem social, inserida na lógica da produção, apresenta estar em permanente busca pela eficácia na cobertura de espaço, e efetivação de tarefas, ao menor tempo possível.

Os meios de produção também desenvolvem métodos e técnicas para tornar os processos mais rápidos, demandando menor efetivo e, conseqüentemente, menos espaço e tempo, resultando em maior capacidade de obter lucro. Uma lógica que nasce sob a necessidade da logística, estratégia e da tática, e tem como articuladora de sua reprodução, a manipulação de elementos que se fazem necessários à sua plena funcionalidade. Percebe-se a relação da organização do trabalho, com o campo da guerra, no que se relaciona às estratégias.

Bauman⁷³ nos ajuda a contextualizar, fora do campo bélico, tais “braços”⁷⁴ que se estendem sobre a sociedade, incorporando aos hábitos diários uma urgência em estar “presente” em diversos locais e ao mesmo tempo. Um dos instrumentos pertinentes neste processo é a TV, oferecendo experiências coletivas no isolamento dos indivíduos; todavia sincronizados em uma realidade em comum, a oferecida pela mídia televisiva, sendo um meio de tornar a cultura homogênea, ou mais comum ao coletivo; resumidamente, controlando as ações e reações de grandes grupos.

⁷³ (BAUMAN, 2003), Comunidade: A busca por segurança no mundo atual.

⁷⁴ Ideologias que se utilizam da difusão em massa para sincronizar os sentidos dos receptores.

Tal nivelamento dos pensamentos orientados por uma “única mente”⁷⁵, aponta para uma estratégia de “guerra”, na qual os donos da indústria da comunicação, ou seus articuladores, têm o privilégio de determinar/orientar a massa na direção de seus interesses. Ainda que esta massa não seja totalmente direcionada, as suas ações serão facilmente previsíveis, devido a sincronização midiática que estrutura o coletivo em uma comum percepção de ambiente, independente do assentamento territorial.

Percebemos, ao tomar como luz as pesquisas de Trivinho, que uma das formas de violência do sistema dominante está sendo incorporado de forma sutil na comunidade, inicialmente sob a percepção de benefício; a velocidade.

No âmbito do presente estudo, a velocidade é, incomparavelmente, a forma atual mais sutil da violência da técnica. Ela é a via pela qual esta (violência) se impõe e se enraíza com maior eficácia, sem, no entanto deixar-se apreender como tal (TRIVINHO, 2007, p.92).

Quando a Internet é observada na Comunidade Yuba, o que se percebe é, pontualmente, a questão da velocidade como um dos vetores que torna esta tecnologia atraente aos que a utilizam. Ela se apresenta nas impressões de Masakatsu, que tem o privilégio de cuidar do acervo cultural e atualizar informações sobre a Comunidade para o ambiente externo. Este também interpreta que a Internet, ao chegar à Comunidade, facilita a sua comunicação com o Japão.

A cobertura territorial no menor tempo possível e, obviamente, com o mínimo custo, caminha pela lógica da guerra. Embora com propósito, inevitavelmente, oposto: o da manutenção de vínculos com pares na terra natal.

A lógica que faz chegar esta facilidade ao Sr. Masakatsu, também tem o privilégio de retirá-la, não pelo uso da força, mas o excluindo tecnologicamente.

O processo de inclusão/exclusão se efetiva por meio das articulações entre as indústrias de *software* e *hardware*, assim como dos provedores de conexão. Fazendo o computador ficar progressivamente ultrapassado, o impossibilitando de funcionar plenamente dentro do ambiente ao qual ele é apenas uma peça.

⁷⁵ A expressão “única mente”, contempla o conjunto de poderes: corporações, governo, instituições religiosas e toda força dominante que tem acesso e poder de apresentar sua voz por meio de uma mídia que possa cobrir o maior número de pessoas possível, e de forma sistemática; à exaustão, como se fosses, se não o for, uma lavagem cerebral.

Yasaki também passa a exercer seu papel como responsável pela memória do Yuba, por meio de um site na Internet. Lá ele posta as informações que, ao seu entendimento, são importantes na difusão da cultura do grupo.

3.1. A velocidade cooptando o ambiente de cultura

Pontualmente, neste aspecto, buscamos um pensamento crítico de Cazeloto (2007, p.9): “Transformação do social em ‘social mediático’ e da memória cultural em memória ‘tecnológica’”.

É possível inferir que o estado que antecedia ao uso da Internet, a memória do grupo tinha que ser vivenciada no seu próprio ambiente⁷⁶. A memória cultural tinha que ser percebida, apreciada no tempo lento, e relativamente compreendida, ao ser acessível após a permissão para que o interessado pudesse adentrar na propriedade. E com esta autorização, paralelamente assumir compromissos relacionados às convenções e regras da Comunidade, participando na força de trabalho, nos cerimoniais que precedem as refeições, e toda aura que se encontra no local, e no presente, assim como dos “desconfortos” pertinentes ao trabalho no campo, seja debaixo de sol ou de chuva. A interação com o ecossistema, a presença natural de insetos e outras formas de “agressão“, que só podem ser compreendidas, se vivenciadas. Este é o social!

O “social mediático” apresenta fotos, frases e até contém vídeos com som. Mas pode ser alternado com um site de compras; grosso modo interpretando.

⁷⁶ O Acervo Cultural da Memória é um espaço fisicamente constituído, e dedicado a diversos elementos, escritos, impressos, materiais e também, narrados por seu responsável. Está envolto pela própria comunidade, pelos membros que reproduzem no cotidiano a memória que repousa em arquivos materiais.

Imagem 12 - Imagem do Espaço Dedicado à Memória – Memorial Yuba.



Fonte: André Luis Nakamura.

3.2. A velocidade percebida como benefício

Outro integrante aponta a velocidade, neste caso, em duas instâncias, como um benefício que a Internet trouxe: Issamu Yasaki, um dos motoristas responsáveis por transportar a produção/insumos da/para a fazenda, utiliza a rede para pesquisar itinerários, fazer cotação de preços e até mesmo para a previsão meteorológica, assim como para pesquisas com relação ao combate de pragas que afetam a lavoura, evitando perdas ocorridas por falta de informação técnica no cultivo.

Tal lógica, em reduzir o tempo gasto nas atividades, não se apresentava como ideal na formação do grupo. O que leva o pesquisador a este pensamento é o fato da observação sobre a utilização da Internet resultar sempre em certo encantamento por conta dos benefícios na redução de tempo, encurtamento/eliminação de espaço e, indiscutivelmente, na imediata redução com custos operacionais e de comunicação; pesquisas e interação com o meio externo.

Quando a primeira visita foi feita, a fazenda apontava ter uma comunhão, relativa, com seu tempo real e local. Sem romantismos, obviamente, havia uma

visível desconexão com o tempo midiático. Não foi presenciada a urgência por aceleração.

Sendo esta⁷⁷ uma característica relacionada às forças hegemônicas, os mecanismos de aceleração deixam de ser uma variável que sirva ao Ser, e passam a ser servidas por indivíduos, que deixam seu papel de sujeito⁷⁸, para o da sujeição.

Fechando a reflexão apoiada na obra de Trivinho⁷⁹, temos como elemento que se apresenta como agressão velada, a velocidade. Esta será apreciada nas considerações finais, à totalização de elementos – que auxiliem na compreensão da variável no objeto–, encontrados em cada obra apreciada; e assim seguiremos, agora, para uma análise apoiados à luz das pesquisas de Cazeloto, no campo da Inclusão Digital.

3.3. A informatização do cotidiano e a aceleração

Toma-se como base inicial para reflexão apoiada na obra de Cazeloto, a seguinte citação:

Os fluxos comunicacionais, neste sentido, podem ser compreendidos como uma das principais, senão a principal, estratégia de *reprodução* do capitalismo. Eles são fundamentais tanto para a transformação da cultura cotidiana em meio de produção quanto para o estabelecimento de um padrão de consumo simbólico apropriado para produtos culturalizados (CAZELOTO, 2007, p. 45, grifos do autor).

A comunicação sendo orientada pelo interesse do mercado de produção sofre os impactos quanto à sua forma e abrangência. Os processos de comunicação passam a ter a saturação como regra, sendo que tal aspecto tende a causar alterações, também, em como a cultura de um grupo irá ser reproduzida.

⁷⁷ A velocidade como a nova ordem de vinculação, interação. A retirada do local para o Global, potencializando a servidão voluntária, aos detentores do capital e das forças ideológicas.

⁷⁸ Recorre-se à compreensão por Walter Benjamin (1986), ao tratar a questão do “sujeito na história”, aquele que ainda pode deixar o seu legado em alguma forma de impressão. Não ser esquecido pela hegemonia de quem tem o privilégio de contar sua versão da história.

⁷⁹ Diante da riqueza de elementos contidos na obra, e ao objetivo em trabalhar apoiado por mais pesquisadores, buscou-se retirar do contexto os elementos que se apresentaram mais justos ao objetivo desta pesquisa.

Assim, a inclusão digital é outro termo para dizer “inclusão *na cibercultura*”, e, portanto, pode ser compreendida como parte do movimento expansionista da *informatização do cotidiano*, com todas as consequências oriundas de sua hierarquização global e suas formas de controle, distribuição de privilégios, organização da vida cultural e divisão social do trabalho. [...] Assim, é possível interpretar as transformações do tecido social a partir das características de sua informatização. Para tanto, articularemos três eixos de análise mutuamente dependentes, derivados da idéia de “informatização do cotidiano”: 1) a aceleração; 2) a insegurança estrutural; 3) a privatização (CAZELOTO, 2007, p.61, grifos do autor).

A análise embasada no presente autor tomará como base de raciocínio, com paridade no objeto de estudo, os “três eixos” apontados como interdependentes, e que são presentes na inclusão digital.

Novamente nos deparamos com a velocidade/aceleração, assim como na obra de Trivinho. Tal elemento é um indicativo do “mercado da cultura” como uma das regras determinantes ao sucesso da economia.

Sua materialização na Comunidade é efetivada pelo uso da Internet como um meio de encurtar o tempo nas comunicações, na distribuição de sua produção, e reduzir a necessidade de locomoção na pesquisa de valores e/ou características de bens/serviços/matéria que possam ser necessários ao atendimento do grupo, ou de um integrante em particular.

A velocidade não é essencial em uma comunidade que se propõe a viver do cultivo, arte e oração, ainda que haja o real benefício da Internet, com relação à redução na necessidade de deslocamento para inúmeras tarefas.

3.3.1. A informatização do cotidiano e a insegurança estrutural

Viver em comunidade é uma forma de buscar, além de outros elementos, a segurança. Se o ambiente de Internet tem como um dos seus “eixos”⁸⁰, a insegurança, há um conflito entre o que se busca na vida comunitária – em uma comunidade relativamente fechada –, e o que se permite ser assimilado por tal grupo como ferramenta de apoio/suporte ao atendimento de suas “necessidades”.

⁸⁰ Dentro das inferências embasadas em Cazeloto, sempre que a palavra “eixo” surgir entender como uma citação indireta ao capítulo da obra na qual o autor apresenta sua pesquisa.

A observação permitiu perceber que para Issamu, uma das preocupações ao utilizar a Internet é justamente a invasão, tanto no sentido literal⁸¹ como do compreendido no ambiente em rede, por um *hacker*⁸².

Não apenas Issamu, mas Yasaki também manifesta tal preocupação, o que é uma insegurança advinda paralelamente com a inclusão digital.

A questão da insegurança estrutural aponta como uma tensão no ambiente comunitário, a ilha de tranquilidade já não se apresenta tão segura quanto era antes. Não pelas preocupações observadas, mas pelas preocupações que são decorrentes de um ambiente que passa a se tornar “competitivo”. Os que não estiverem dispostos a ceder à Internet receberão a reverberação dela pelos gestos dos indivíduos que passam a orientar suas agendas e seus hábitos, tendo como base informações diversas, que levam à mudança de hábitos e até de técnicas que vinham sendo utilizadas há anos, e eram comuns a todos. Guiddens nos permite inferir melhor sobre a insegurança estrutural, pelo sentido da identidade.

Por isso a tradição é um meio de identidade. Seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe significado; mas também pressupõe o processo constante de recapitulação e reinterpretação observado anteriormente. A identidade é a criação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com o um futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e sua conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica (GIDDENS, 2012, p.100).

O mesmo autor⁸³ ao tratar a segurança ontológica, também se refere à questão do encaixe/desencaixe social. Parafraseando o autor, este mecanismo apresenta uma dinâmica que se relaciona com a zona de conforto dos indivíduos em grupos sociais, onde sua posição como integrante é dotada de percepções interiores e exteriores, que servem como referência de identidade e valoração de suas características, ou dotes. Em seu ambiente de cultura, um indivíduo passa a ter o reconhecimento quanto a seus atributos, e o olhar do todo para esta qualidade, permite sua segurança. Quando a dinâmica de vinculação muda, ou seja, o

⁸¹ O privilégio das informações na rede, expor o ambiente territorial a invasões diversas.

⁸² Palavra de origem americana, com o significado de “pirata”, que adota o sentido de invasor de computador. Resumidamente, são indivíduos que diretamente, ou por meio de *softwares* trabalhando em “robôs”, invadem computadores/redes alheias, para roubar informações, ou causar danos aos programas.

⁸³ Giddens, em Modernidade e Identidade.

personagem já não tem suas habilidades reconhecidas, há o desencaixe, seja por conta de seu deslocamento para outro ambiente cultural, ou de mudanças em seu *óikos* que ele não pode, ou deseja adotar.

Pode-se inferir que a adesão à Internet, por elementos da comunidade com predisposição a utilizar novas ferramentas/suportes, ou vivenciar novas experiências inaugura, inicialmente, uma sutil ruptura com a tradição do grupo, em compartilhar horizontalmente suas experiências, segundo cada subjetividade, mas em um conjunto de variáveis ou atividades, que não requerem o entendimento de técnicas orientadas por terceiros ou o uso de um equipamento que torna a experiência individual e não compartilhada.

Mesmo na unidade do pianista, ou do pintor – apenas para ilustrar, entre outras atividades –, o seu entorno tem participação na apreciação, ou mesmo no contexto da atividade executada, como por exemplo, em uma obra literária⁸⁴, à qual o autor contempla as impressões de seu meio.

Na eventualidade do computador passar a ser adotado consensualmente, e totalitariamente, há o inevitável isolamento de interesses objetivos e subjetivos no uso do tempo livre. Por outro lado, se apenas uma fração do grupo adotar esta tecnologia, como é caso de uma atual fração, o desencaixe multilateral será um resultado já compreendido como fenômeno de ambientes onde a tradição é impactada por alguma ruptura nos valores comuns.

Parafraseando a obra de Baitello Jr. (2006), o tempo de vida tem como um dos pilares de vinculação, a comunhão que se dá pelo tempo livre, tal tempo que necessita ser apreciado, sentido e vivenciado na temporalidade do corpo e do *óikos*. É no momento deste compartilhamento comunitário, do ócio, ou atividades recreativas apreciadas coletivamente, e por uma temporalidade comum a todos, que os laços se fortalecem, as identidades se consolidam e o humano adota o sentido de Ser; individual e comunitário/coletivamente.

⁸⁴ A citada literatura contempla as obras de Katsue Yuba. São obras infantis, escritas no seio da comunidade, que carregam impressões do ambiente.

3.3.2. A informatização e a individualização

A individualização aponta como um dos vetores no desenvolvimento do trabalho especializado que, em tese, retira o atributo em desenvolver múltiplas tarefas como forma de manutenção de um grupo, segmentando cada elemento em um “especialista” por conta da delimitação na abrangência/amplitude de suas habilidades trabalhistas, melhor explicada na citação:

O avanço da individualização, marcado pelo desenvolvimento da especialização no trabalho e simbolizado pelo ganho de relevância da noção de “carreira”, significa que as chamadas “condições objetivas de existência”, tão caras à tradição marxista, perderam, aos poucos, sua força explicativa. Se antes as condições de existência eram interpretadas (e serviam como fundamento para a ação) em termos de articulações entre a divisão social do trabalho e as instituições responsáveis pela reprodução desta divisão, agora, o enfoque privilegiado leva em conta categorias mais subjetivas, como a “habilidade”, a “adequação” ou a “capacidade individual” (CAZELOTO, 2007, p.76).

A Comunidade Yuba se reúne para as refeições, distribui o seu trabalho de forma consensual, ora e pratica diversas formas de artes. Assim tem sido por décadas, onde os mais velhos repassam para os mais jovens seus valores, conhecimentos e as convenções comunitárias.

Parte da identidade de cada membro tem elementos que são pontuais a esta reprodução cultural, e de um ideal que surge quando seu fundador, ao interpretar⁸⁵ a obra de Rousseau, entre a de outros autores, toma como objetivo estruturar uma sociedade, relativamente livre de regras externas aos seus preceitos. Tal estrutura se consolida com a não circulação interna de dinheiro, ou seja, o trabalho comunitário desvinculado da remuneração individual.

Na primeira visita, o pesquisador, ao ir para a lavoura, foi possível testemunhar a colaboração comunitária. Foi uma experiência vivenciada sobre o repasse de conhecimento necessário para manutenção das necessidades, em um processo “natural”, sem uma hierarquia ou um “líder” que pudesse delegar a outrem

⁸⁵ Tratamos como interpretação, por considerar que uma obra, em sua complexidade, não pode ser reduzida a uma explicação definitiva, ela toma forma e adota sentido segundo significada pelo indivíduo que a aprecia, e dela bebe os preceitos que lhe sejam mais caros e significantes. Apontamos Rousseau, pois o fundador era leitor de Marx, e Tolstoi. Todavia, no que há oficialmente documentado (Livro Yuba, Kanzawa, 2010), fica pontual a “paixão” de Isamu pela obra Êmilio, assim como trecho dela é citado como gatilho à resignificação deste ao seu ideal, anteriormente relacionado à carreira militar.

a função em ensinar. Cada membro que estivesse por perto no ambiente de trabalho, ao notar falhas de entendimento do pesquisador (na execução de alguma atividade assumida), fazia suas considerações, sempre de forma colaborativa.

Além do conhecimento horizontal de grande parte das atividades, há motoristas do caminhão⁸⁶, e operadores de tratores, sendo estas funções responsabilidade de indivíduos aptos, tanto na prática quanto na legalidade.

Todavia, estas funções não se tornam obsoletas com o tempo, e podem no máximo requerer pequenos ajustes quando da substituição da ferramenta: caminhão e trator.

Um dos poucos trabalhos, no ambiente, que exige certo nível de individualização, é a manutenção do acervo cultural e do Memorial, este segundo mais estritamente “controlado”, ainda que não seja necessário solicitar o acesso por Yazaki. O responsável tem o mérito de difundir informações que analise serem pertinentes à preservação da memória Yuba. Seu conhecimento e experiência dentro do grupo o dotam desta responsabilidade, mas esta atribuição não demanda todo tempo do “curador”, e sua participação às atividades comuns à Comunidade é como a de todos.

O que muda nesta “individualização” é o fato de Masakatsu fazer uso da Internet para difundir, por meio de uma página na rede, informações do grupo, que ele seleciona como de interesse extra comunitário, assim como deter a autonomia em liberar, ou não, o sinal de Internet para o uso além do refeitório⁸⁷.

Teoricamente há uma linha de especialização que não se reproduz pelo atendimento das necessidades objetivas do grupo. Orienta-se mais por um modelo proprietário, e cadenciado pela velocidade da arquitetura de um sistema que tem como domínio os donos do fornecimento de energia, sinal de Internet, hospedagem de dados, produção de *hardware*, *software* e demais corporações que se articulam

⁸⁶ Apenas um foi observado a serviço.

⁸⁷ No refeitório há sinal de Internet sem fio, e sem senha. Basta ter um suporte com acesso à rede sem fio (*Wi-Fi*), para se conectar. Além do campo de cobertura desta área, por roteador, o sinal perde intensidade e não pode mais ser captado, um raio médio entre 1,5 a 2,5 metros do perímetro do refeitório. Onde o pesquisador fez várias tentativas de conexão, não quantificadas, e em toda estada da segunda visita. Na primeira, o sinal cobria um amplo perímetro, sendo suficientemente forte para a utilização dentro dos alojamentos (situados a mais de 15 metros do refeitório, e por volta de 10 do acervo cultural, onde há o roteador que foi limitado com senha de rede) que são fornecidos aos “membros temporários” ou visitantes, o que difere um de outro, é a participação nas atividades, o membro participa de todas as atividades que sejam pertinentes.

para que o acesso à Internet seja um modelo de negócio em constante mudança, conduzindo seus usuários a consumirem novos meios, ou fiquem à marginalidade deste sistema⁸⁸.

A individualização também aponta como elemento presente em uma atividade que se consolida pela cooperação comunitária. O uso da Internet para buscar informações que resultam na “melhoria” de como a lavoura deve ser cultivada, retira a cooperação comunitária nas decisões, reduzindo, ao máximo, ao comum acordo pela intervenção apontada pelo usuário que, por meio de pesquisas na rede, depreendeu que mudanças no método tradicional de cultivo podem resultar em maior eficiência na qualidade/quantidade da colheita.

Não se critica a busca por melhorias que possam tornar a fonte de sustendo de um grupo mais eficiente, o mérito da crítica é sobre a propriedade da Internet em isolar até mesmo o sentido comunitário que se manteve por 77 anos, não afirmando que há uma separação ou ruptura nos vínculos, mas que seria ingênuo ignorar o potencial de individualização, no tempo livre, dos integrantes ao terem como relatividade o “ganho de conhecimento”, proporcionado pelo uso da Internet, aos que estão articulando mudanças nas tradições e, conseqüentemente, causando a percepção de que esta mudança resulta benefício.

3.4. O tempo e os vínculos

Baitello Jr. analisa, entre muitos apontamentos de seus estudos, a questão do tempo⁸⁹ como elemento primordial aos vínculos humanos e, precisamente, o tempo lento, o tempo necessário ao entendimento, à contemplação, ao olhar para dentro.

Para o autor, a preservação da cultura se dá no tempo lento; algo que pôde ser observado tanto na primeira, como na segunda visita o ambiente de pesquisa. O tempo lento é coletivamente exercido ao observarmos o minuto de silêncio, assim como o “nada fazer” entre as refeições, o retomar das atividades, e o tempo livre.

⁸⁸ Citação indireta à obra Inclusão Digital.

⁸⁹ Algumas inferências contemplam o seminário: Os Sentidos do Vazio nas Realidades Midiáticas – UNIP – 2011, Professor Dr. Milton Pelegrini.

Para Cazeloto, a questão da velocidade é abordada como “inseparável” do ambiente informatizado – em nosso objeto, a Internet.

Quando se retorna para a Comunidade, 18 meses após sua inclusão digital, percebe-se a velocidade em atividade, e sendo assimilada como um benefício. Trivinho a aponta como uma violência da técnica, que tem como característica, perversa⁹⁰, a “invisibilidade” de seu lado nocivo.

Quando um membro da Comunidade sente que é vantajoso recorrer à Internet para melhorar as técnicas empregadas em atividades que servem ao coletivo ou à sua demanda individual, ele delega para toda cadeia de corporações responsáveis pelo funcionamento deste “modelo de negócio”, o mérito das suas decisões. E reproduz tais decisões para o tradicional ambiente de cultura, transportando para seu *óikos*, técnicas até então não contempladas para a cooperação comunitária.

A mesma lógica leva Masakatsu a substituir o documento físico⁹¹ para enviar e receber suas correspondências em código binário. Velocidade, permitindo que a comunicação seja resolvida instantaneamente, o que seria comum se efetivado na mídia primária (de pessoa para pessoa). Todavia há um suporte mediando esta comunicação, que exigiria o tempo lento.

Assim também toda escrita exige decifração e tudo o que não deciframos nos devora – isto vale tanto para a imagem quanto para a tua transformação que é a escrita. [...] O passo seguinte: com o advento da era da eletricidade, desenvolvem-se sistemas de mediação mais sofisticados utilizando um aparato de emissão e um aparato de captação da mensagem. É aqui que surge a mídia terciária, desde o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão até as atuais redes de computadores. [...] Enquanto o tempo da mídia primária, que é presencial, é o tempo do aqui e agora; enquanto tempo e espaço criam a presença e o presente, condições indispensáveis para a comunicação primária, e enquanto na mídia secundária o tempo se torna mais lento, na mídia terciária esse tempo se acelera vertiginosamente. E com isso zera-se o espaço. Quando mandamos uma mensagem via internet para o Japão, ela chega em um tempo desprezível, agora mesmo. Tem-se a sensação de que o Japão é ali mesmo. Resolve-se assim o problema do transporte, da transposição dos obstáculos associados ao espaço. O que ocorre então com as imagens da mídia terciária? Elimina-se o tempo da

⁹⁰ O termo “perversa” não está presente na obra de Trivinho, é uma inferência do pesquisador, com base em pensamentos de vários autores considerados nas referências, onde há um comum pensamento sobre a estratégia, a manipulação e a dominação em atividade nos campos da tecnologia voltada a subtrair todo tempo livre do indivíduo, sem que este se dê conta.

⁹¹ Mantido como suporte até a chegada da Internet. Uma resistência longa se for considerado que este meio ficou obsoleto há mais de uma década no ambiente hegemônico.

decifração e da contemplação em favor de uma sonoridade e uma visualidade em ritmos acelerados. A mídia terciária decreta o fim do tempo contemplativo e individualmente diferenciado (BAITELLO JR., 2005, p.30 e 34).

Na substituição da mídia secundária, pela mídia terciária, Masakatsu, assim como grande parte da sociedade que se rendeu à força hegemônica da comunicação via Internet, deixa de receber as impressões análogas que são contidas na escrita – na Comunidade o idioma é japonês, e máquinas de escrever aqui no Brasil não tem a tipografia japonesa, mantendo a caligrafia como forma de impressão escrita em papel –, e sucessivamente não mais imprime suas características nas correspondências que envia. O único resquício de sua identidade, que envia, é a característica com a qual constrói suas frases, e estes são o que também recebe. Característica facilmente reproduzível por um programa que analise padrões, apagando assim a história análoga ao sujeito.

O escrever não é, antes de tudo, superável. Em primeiro lugar, porque as imagens que contemplamos aproximam-se da história (dos aparelhos). Em segundo lugar, porque essas imagens programam a história (os aparelhos). E em terceiro lugar, porque os aparelhos não escrevem como nós escrevemos: eles utilizam outros códigos. A história escrita (e feita) pelos aparelhos é uma outra história. Ela não é mais uma história no sentido literal da palavra (FLUSSER, 2010, p.35.).

A reflexão acima objetiva apontar o sujeito permitindo ter elementos pertinentes à sua identidade, sendo organizados e nivelados ao formato da arquitetura do suporte. Um “golpe” à tradição e à cultura. Pontualmente no caso da Comunidade, mais agudo, devido à complexidade da escrita pelos ideogramas que compõe a comunicação escrita do idioma japonês.

Imagem 13 - Parte da bibliotecaYuba – Muitas obras no idioma/ideograma japonês.



Fonte: André Luis Nakamura.

Neste tempo acelerado da Internet, o qual ele adere, cabem a Masakatsu algumas, e indiscutíveis, mudanças: aproveitar o ócio pelo tempo que foi poupado, ou preencher este tempo com uma atividade que não seria contemplada.

O que pôde ser percebido, é que o tempo foi ocupado por mais uma atividade que necessita da rede: “conhecer” novos lugares e “pesquisar”; estas se tornam atividades que entram na agenda de Masakatsu após a inclusão digital – fazendo a ressalva de que ele detém o mérito da manutenção do espaço físico e simbólico da memória cultural⁹² do grupo.

Não se discute o acesso às informações, mas de como o sistema coopta para sua lógica indivíduos que, ao ter acesso à Internet, alteram costumes pertinentes ao seu ambiente de cultura e adotam como facilidades e benefícios percebidos pelas possibilidades que a rede propicia.

⁹² Há necessidade de pontuar, que tanto Trivinho, quanto Cazeloto tratam a questão da retirada de fronteiras, tanto territoriais quanto culturais, levando a uma possível homogeneização da cultura.

3.5. A reciprocidade nas ações

Morin nos oferece base para reflexões sobre as ações de fenômenos em retroação conjunta, ou à unidade; as relações de reciprocidade⁹³.

Um tal pensamento torna-se, inevitavelmente, um pensamento complexo, pois não basta inscrever todas as coisas ou acontecimentos em um “quadro” ou uma perspectiva. Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se ao mesmo tempo, de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana (MORIN, 1999, p.24).

Quando o Yuba foi fundado, sequer seria pensado o advento da Internet como um “ambiente” que iria coexistir paralelamente a qualquer outro, não dependendo de espaço e tempo, sequer de dominação e ou invasão – por meio de força física, que seria um “ambiente” a ser assimilado, aceitado e inserido em qualquer *óikos*.

Por Morin é possível inferir que a lógica que estrutura a comunidade surge do todo, do coletivo, ou seja: o conjunto das obras dos autores que são apreciados por Isamu está inserido em um macro ambiente, é resultado de estudos sobre a sociedade e toda cultura que pôde servir como entendimento aos autores; assim como a própria mente deste é orientada pelo contexto no qual se resume o seu ambiente de cultura. Seu estado mental/emocional é mais um elemento que o faz dar significado à leitura das obras, assim como a temporalidade na qual elas foram apreciadas.

Por outro lado, como tudo foi significado e organizado em um ideal, passa para a “unidade humana”, ou seja, Isamu. Esta unidade constrói uma sociedade à sua “sombra”, quase faz possível pela “diversidade individual”, na qual cada um passa a assumir um papel, na filosofia materializada em um território socialmente moldado. Percebe-se a dinâmica neste intercâmbio, da “unidade humana“, das “diversidades individuais” e “culturais“.

⁹³ O autor trata de questões como: ecologia, cosmologia, ciências da terra, mas também depreende para a condição humana. Entre um pensamento/inferência e outro, o autor nos permite tomar o trecho citado como uma metáfora passível de ser apropriada para explicar, também, a reciprocidade nos vínculos sociais.

Faz-se esta reflexão para desenvolver um paralelo sobre a inclusão digital, mudando a rotina e os hábitos de alguns integrantes do grupo, com a característica⁹⁴ da reciprocidade todo/partes. Para tanto é necessário recorrer a mais autores, dentro da reflexão em Morin.

Tomando-se como base a lógica de que Isamu tem condição de articular o desenvolvimento de um ideal que o permite conquistar “seguidores”, ainda que estes, inicialmente, sejam familiares, organizando uma sociedade que resiste há décadas, fica compreensível inferir que este ambiente, por ele desenvolvido, carrega o coletivo⁹⁵ de uma filosofia que passa a ser a cultura “natural” de um grupo.

O grupo social consiste em certo número de pessoas cujas relações se fundam numa série de papéis e *status* interligados. Elas interagem de forma mais ou menos padronizada, em grande parte determinada pelas normas e valores que aceitam. São unidas ou mantidas juntas por um sentido de identidade comum ou alguma semelhança de interesses que lhes permite distinguir os membros dos que não são membros. O grupo social identifica-se, portanto, por três atributos: interação padronizada, crenças e valores partilhados ou semelhantes e [...], consciência da espécie (CHINOY, 1980, p. 76).

Chinoy aponta o agrupamento social como resultado da interação sincronizada, crenças e valores partilhados ou semelhantes. Esta é a dinâmica observada na Comunidade Yuba, assim como as peculiaridades individuais e conflitos análogos de interesses, pertinentes às formações sociais – segundo Chinoy, tais contrapontos são parte do processo de compartilhamento de um mesmo espaço territorial e simbólico.

O idioma é um elemento que leva ao grupo o entendimento de pertencimento ao mesmo ambiente cultural. Não sendo uma particularidade, mas uma variável comum, e que pode ser encontrada amplamente fora de seu ambiente, mas dentro dele se convencionou como uma necessidade às relações.

A prática, livre e diária de algum tipo de arte resolve, em parte, a demanda por entretenimento e atividade vinculadora no tempo livre. E é uma característica particular ao meio.

⁹⁴ Segundo o entendimento contemplado pela obra de Morin.

⁹⁵ Interpretar “coletivo” como o conjunto de valores, cultura e desdobramento dos autores que deram a estas, explicação e fizeram inferências. Condensando estes saberes em obras carregadas por suas subjetividades— dos autores.

Trabalhar sem uma liderança nomeada e receber o resultado da mão de obra pelo trabalho comunitário, em forma de atendimento coletivo das necessidades, sem a remuneração monetária, desta forma eliminando a necessidade da circulação interna de dinheiro, também é uma particularidade desta união.

Observa-se que há um conjunto de diferenças, em relação ao modelo hegemônico de grupo social, que é compartilhado, e ao qual não se encontram reunidos e organizados fora de seu *óikos*. Por esse entendimento, a interpretação é de que a cultura vivenciada pelos membros é resultante de um ideal efetivamente praticado e reciprocamente respeitado.

A reciprocidade implica em uma espécie de controle. Se a libertação das pressões causadas por parte dos aparelhos ideológicos é um benefício na vida da comunidade, o compromisso em reorientar subjetivas necessidades individuais que se oponham à dinâmica cultural do micro ambiente, é uma necessidade ao convívio e à coesão do grupo.

Parafraseando Guiddens: há de se ter a consciência que a liberdade e a segurança não são resolvidas mutuamente, cada uma fica na extremidade de uma “balança” social, à qual a maior carga de importância, ou adesão que uma das pontas receba, a outra tende a se afastar no sentido oposto. A vida em comunidade (Bauman; Chinoy; Tönnies) contempla a busca de segurança, cooperação, identificação entre tantas outras buscas que são direta ou indiretamente relacionadas com segurança.

No Yuba, todas as articulações que radicam em seu ambiente de cultura, têm sintonia, ou harmonia com a lógica da segurança. São gestos previsíveis, em um ambiente de reprodução tradicional e com uma rotina na qual os valores, respeitadas as individuais subjetividades, se sincronizam e resultam em um horizontal sistema de vinculação.

O mais recente variável de ambiente que não faz conexão a este sistema orientado pela “interação padronizada, valores partilhados ou semelhantes”, é a recente Internet.

Este é um suporte que leva o sujeito ao isolamento do seu entorno, se retroalimenta entre a diversidade de conteúdo e a não resolução da necessidade de

informação. Uma nova “descoberta”, leva a outra, que leva a mais informações, e na lógica da iconofagia.

Um pensamento sentado significa um agir acomodado, conformado e amansado, incapaz de sequer decifrar o mundo ao seu redor e menos capaz ainda de atuar de modo transformador. Cabe-nos hoje pensar – com o pensamento em pé, pronto para saltar ou correr – o que é que está fazendo o desenvolvimento da mídia com as nossas mentes. Transformando-nos em seres sentados e sedados? (BAITELLO JR., 2005, p. 37).

Se o interesse de um ou mais sujeitos da comunidade inicia um processo de isolamento em detrimento de uma atividade que não se insira nos interesses comuns ao grupo, suas ações tendem, sem o mérito de “futuurologia” do prazo, a reverberar no ambiente, de um modo ou de outro gerando uma reação a esta “agressão” aos princípios dos valores convencionados.

Em contraponto, se esta ação reverberar como passível de aceitação da totalidade, pela lógica que orienta a cultura do grupo, o meio de se organizar e se vincular, adotará novas regras e valores. O que há de concreto é que: na comunidade, os indivíduos que estão utilizando a rede passam a entender que a velocidade e a eliminação do território físico são um benefício, e o risco é a invasão do computador. Velocidade e invasão de sistema, são pensamentos comuns aos usuários da rede, são uma das percepções e preocupações pertinentes ao universo hegemônico deste novo suporte e da rede.

Faz-se uma reflexão em uma metáfora de Morin, que adota um sentido atemporal, ao ter seu pensamento apropriado para a época, e o ambiente informatizado:

O Antigo autômato era animado por um aparelho de relojoaria, o novo é animado por um aparelho informacional; o primeiro regulava-se uma vez para sempre, o segundo regula-se pelas suas operações em função das circunstâncias (MORIN, 1977, p.221).

Pode-se inferir que uma sociedade consolidada pela lógica da informática, tende a se reproduzir e ter suas mudanças e “ajustes”, na velocidade do ambiente tecnológico das corporações que disputam o mercado, e reproduzem suas ideologias de rapidez e “capacidade” para poder manter a constante obsolescência de seus produtos.

A percebida sensação de pertencimento ao universo compartilhado globalmente, por parte de alguns integrantes do grupo, aponta ao que Morin trata como “unidade humana”. A “unidade humana” inter-retro-age⁹⁶, com a diversidade individual, em um plano que acaba reverberando no cultural.

Pela reflexão acima, se infere que a utilização da Internet vá sendo difundida dos “iniciadores” para os membros mais conservadores.

Pensar por esta lógica, novamente conduz para possibilidade de que a rejeição, por parte da comunidade, a esta nova tecnologia possa criar uma separação interna, tanto de pensamentos, quanto no campo dos vínculos que se dão no tempo livre.

Não se descarta a possibilidade de haver uma adesão maior, o que resultaria, segundo os estudos⁹⁷ já apontaram, em um “isolamento coletivo” no tempo livre, o que tende a reverberar na vinculação comunitária.

⁹⁶ A palavra utilizada pelo autor é auto-retro-ação, buscando não desviar o sentido original.

⁹⁷ De autores que trabalham com temas de Inclusão Digital, Cibercultura e Mídia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Yuba apresentou ser um ambiente que resiste às diversas regras orientadas pelo domínio hegemônico. Sua resistência aponta ser lastreada pela característica em produzir e reproduzir um ambiente de cultura no qual a subsistência e o tempo livre se resolvem por atividades coletivas e orientadas pelo tempo da comunidade, que não se conecta ao tempo da produção em massa.

Enquanto nenhum membro adota como lógica de comportamento a necessidade em reduzir o tempo demandado nas atividades⁹⁸, estas tendem a manter sua tradição, tanto no pensamento quanto na execução.

A coesão do grupo apresenta ser o resultado da reprodução da contemplação⁹⁹ de seu fundador, entre outras, pela obra de Rousseau, *Émilio* ou *Da Educação* (1995).

Todos os animais têm exatamente as qualidades necessárias para se conservarem. Só o homem as supérfluas. Não é estranho que esse supérfluo seja o instrumento de sua desgraça? Em qualquer lugar os braços de um homem valem mais do que sua subsistência. Se ele fosse bastante inteligente para por nada esse supérfluo, sempre teria o necessário porque nunca teria nada de mais. [...] É à força de trabalhar para aumentar nossa felicidade que a transformamos em miséria (ROUSSEAU, 1995, p.64).

Pelo contexto da obra, se infere que o autor aponta para uma sociedade que tenha relativa consciência de seu estado “animal” e das nefastas necessidades que nada são além de construções socioculturais. O autor contempla a possibilidade do homem em poder se manter por meio da natureza, desde que não tenha suas necessidades orientadas por bens que não sejam essenciais à sua sobrevivência.

Se adaptarmos à temporalidade, no sentido acadêmico, as apreciações da obra atribuem ao “valor imaterial”¹⁰⁰ uma escravidão para os que a interpretam como um benefício. Pois bem, é neste ambiente em que vivem os membros da

⁹⁸ O Tempo é apenas um dos elementos que se apresenta como variável de vinculação. Ele é tomado em primeiro plano de análise por ser um vetor – entre outros – do ciberespaço.

⁹⁹ Aqui não se busca reduzir o universo de pensamento do sujeito a uma obra, nem tampouco o conjunto de elementos que deste pensamento resultam, mas apontar o que a documentação sobre sua história aponta ser o gatilho que dispara seus objetivos na fundação de uma sociedade/comunidade.

¹⁰⁰ Se relacionarmos a imaterialidade dos bens, à sua subjetividade, e não à sua objetividade.

Comunidade Yuba, resguardando as devidas proporções e “necessidades impostas” para que não venham a sucumbir pela falta de recursos.

A Comunidade tem demonstrado trabalhar prioritariamente para se alimentar, física, espiritual e intelectualmente; ter um abrigo e desfrutar a liberdade em comungar um espaço livre dos relógios sociais¹⁰¹ hegemônicos.

Pode ser inferido que a Comunidade Yuba tem preponderância a ser pensada como Rousseauiana, pois seus valores e ideais são fundamentados em um sujeito que contemplou esta obra, e a considerou um marco divisório em seu modo de pensar o modelo de vida¹⁰².

Um dos vetores que pode ser apontado como variável que confere a estabilidade na manutenção, e na reprodução¹⁰³ deste ambiente de cultura é, além dos *valores partilhados*, a utilização do tempo livre. “[...] é porque existe a partilha de um mesmo *território* (seja ele real ou simbólico), que vemos nascer a ideia comunitária e a ética que é seu corolário” (MAFFESOLI, 1987, p.24, grifos do autor). No objeto de pesquisa, ambos têm sido compartilhados. Nota-se a sincronização no tempo das tarefas dos seus membros, o que resulta em um comum tempo livre, sob o mesmo *óikos* e utilizado mediante uma comunhão na diversão e no aprendizado¹⁰⁴.

Ao sair dos limites territoriais (físicos e/ou simbólicos) do Yuba, temos um tempo cadenciado pelos aparelhos ideológicos do Estado.

O tempo que orienta as atividades, na sociedade hegemônica, é um vetor determinado verticalmente. Os indivíduos elaboram suas agendas por conta de um ritmo sincronizado para atender a uma *interação padronizada*.

Benjamin nos apresenta a questão da retirada temporal e espacial como a perda do sentido original em uma obra de arte. Ainda que o autor trate a questão da

¹⁰¹ Há horário para as refeições e para iniciar a jornada de trabalho, mas romper, hora ou outra com esses horários, não resulta em sanções ou punições que possam comprometer a subsistência, ou a qualidade de vida. Há cooperação compartilhada e recíproca, não imposta. Ao terminar o labor, não importa o tempo cronológico, se a atividade é realizada e resolvida mais cedo que o comum, então todos estão livres para desfrutar seu ócio.

¹⁰² Informações no contexto do livro Yuba (Lucille Kanzawa, 2010).

¹⁰³ Transmitindo para novos membros.

¹⁰⁴ Aprendizado no campo das artes: música, teatro, balé e demais atividades lastreadas em recursos internos do grupo.

reprodução, literal, de obras de arte por meio de técnicas. Vale depreender por conta da profundidade de sua obra, a relação direta com a cultura – como formação social –, e do ambiente ao qual está um grupo está assentado. A diversidade sociocultural tende a enfraquecer suas características ao receber o acultramento de elementos estranhos.

Em suma, o que é aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho (BENJAMIN, 1994, p. 170).

O tempo se apresenta como elemento pertinente do sistema, seja ele lento¹⁰⁵ ou acelerado, ele não determina a sociedade, nem a vinculação; são estes que articulam ações nas quais ele passa a ser significado como orientador, ou não, dos sentidos e percepções dos sujeitos e do conjunto social.

Todo sistema e toda organização estão submetidos ao tempo. Mas um sistema fixo, não ativo, enquanto permanece nas suas formas, subtrai-se por um tempo ao tempo. Nasceu no tempo, o tempo corrói-o, e finalmente desintegrá-lo-á, mas no repouso e no seu prazo, está à espera, fora do tempo, visto que o tempo não contribui para a sua existência nem para sua organização. Pelo contrário, o tempo faz parte da definição interna de toda organização activa (MORIN, 1977, p.201).

No ambiente da Internet, o tempo passa a ser uma metáfora. O usuário não relaciona a distância entre um ponto e outro com tempo demandado, assim como perde sua própria noção do tempo.

Trivinho aponta a velocidade como eixo de organização da sociedade, sendo que atualmente ela reestrutura toda a civilização, e entende-se que uma de suas ferramentas é a rede mundial de computadores.

Nesse contexto, a velocidade, longe de vigorar como simples processo social, epifenômeno de fatores concretos que lhe precedem, impõe-se como eixo de organização e modulação de toda a existência social, cultural, política e econômica. Mais que outrora, a velocidade está implicada na reestruturação inteira da civilização contemporânea (TRIVINHO, 2007, p. 91,).

¹⁰⁵ O tempo lento é um tema apreciado com profundidade pelo Prof. Dr. Milton Pelegrini, em um seminário dedicado a esta abordagem: O sentido do Vazio nas Realidades Midiáticas – São Paulo, 2011.

A velocidade implicada na reestruturação social, assim como o computador, uma máquina projetada para ser cada vez mais veloz, “E hoje, a subjugação dos artefatos cibernéticos, é talvez o prelúdio dum novo tipo de subjugação informacional do homem pelo homem (MORIN, 1977, p.229)”.

Não restam mais dúvidas que a sociedade, ou uma formação social que receba a assimile a lógica da informática, em maior ou menor grau, em algum tempo tende a alterar seu ambiente de cultura.

Mesmo uma pequena comunidade passa a sentir os impactos deste traço do capitalismo – da hierarquização encabeçada pela informatização –, quando alguns membros adotam o ciberespaço como uma alternativa ao tradicional modo de resolver suas demandas.

Se a comunicação é tradicionalmente associada ao grau de democratização alcançado em uma sociedade, é necessário frisar que tal associação não pode se dar de maneira mecânica. Não é apenas a quantidade, mas a qualidade dessa comunicação e, sobretudo, os “planos sociais de interpretação das informações” que poderão produzir efeitos (CAZELOTO, 2007, p.137).

Detalhando esta questão: o morador que passa a se “aprofundar” em pesquisas na rede, ao mesmo tempo em que é cooptado para a lógica da produção de trabalho imaterial¹⁰⁶, passa a se distanciar do ideal até então reproduzido por conta de literatura das obras disponibilizadas no acervo comunitário, assim como dos repasses culturais resolvidos entre os membros.

Pode-se inferir a possibilidade de que os usuários da Internet passarão a adotar hábitos e comportamentos incompatíveis com o ideal contra hegemônico¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Tratamos O Imaterial, de André Gorz. E se faz a inferência que tanto pelo tempo disponibilizado em conexão, como pela utilização dos recursos ofertados por corporações para que esta seja possível, o morador da Comunidade, ao apontar “ganhos” de “conhecimento” por meio do computador em rede, está trabalhando na divulgação desta máquina e de todos os elementos que a fazem operante, atraindo novos usuários e, também, fazendo “volume” estatístico para a valoração das plataformas utilizadas, que têm, como parte de seu ativo/capital (o capital humano), a quantidade de usuários e conexões.

¹⁰⁷ A utilização dos recursos da Rede, para redução no tempo de atividades, assim como para solução de problemas com a lavoura, embora não seja entendida como nociva, insere o Yuba em uma das variáveis que alimentam o capital – evitado pelo grupo na rejeição da circulação interna de moeda, e na não necessidade de especialização profissional, sendo relativamente igualitária na distribuição da produção – a velocidade e especialização.

Temos a contrapartida de que, a inclusão digital não tem a propriedade de realizar movimentação social¹⁰⁸ aos seus utilizadores. O fato de um cidadão ter acesso à rede, apenas permite que este não seja jogado, veladamente, para marginalidade social¹⁰⁹.

A Internet pode vir a causar uma tensão nas relações internas deste grupo a partir do momento que a sua utilização seja intensificada por uma parcela de sua população. Isso criaria uma segregação de ideais ao atrair estes sujeitos, em seu tempo livre, para o isolamento junto ao suporte que o conecta na rede, em detrimento das atividades que antes se faziam coletivamente, ainda que na simples contemplação.

Não há indícios que apontem para a eliminação da Internet na Comunidade Yuba, seja por sua iniciativa ou falta de recursos para manutenção¹¹⁰. Por conta disso, o pesquisador, após analisar todos os elementos, referenciais e reflexões do conjunto de obras às quais busca beber na fonte do conhecimento, infere que pela lógica com a qual a Internet se estrutura, a tendência é de que o número de sujeitos a utilizá-la aumente.

Por ser uma comunidade com reduzida população, a *separação* entre *inclusão* e a tradição, serão acentuadamente perceptíveis.

A ruptura, por parte de pequeno grupo, com a comunhão aos tradicionais ideais comunitários, poderá¹¹¹ resultar em uma dissolução progressiva da Cultura Yuba.

Para a tradição e para o conjunto de convenções que permitem a vida comunitária desvinculada de variáveis hegemônicas, tais como: contrato de trabalho, organização estruturada da jornada trabalhista, necessidade de especialização profissional para manutenção da subsistência, a Internet é uma ameaça em

¹⁰⁸ No sentido de ascendência.

¹⁰⁹ Parafraseando Cazaloto – “Inclusão Digital”.

¹¹⁰ A Internet faz parte do orçamento comunitário.

¹¹¹ Afirmar enfaticamente que a Internet será o precursor da separação do grupo seria uma inferência sem base sólida. Toma-se por razão o senso na análise pelo conjunto dos referenciais teóricos e o próprio estudo do objeto, por conta disso, deixa-se o campo aberto para que a pesquisa possa ser uma contribuição sobre o estudo de uma variável e seus possíveis impactos nesta formação social, a Comunidade Yuba.

processo de desenvolvimento no território (físico e simbólico) fundado por Isamu Yuba.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do estado**. Nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado, Gaal, 1985.

BAITELLO Jr., Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. Hacker Editores, 2005.

_____. **A era da Iconofagia**. Hacker Editores, 2006.

_____. **A Mídia antes da máquina**. JB Online, Caderno idéias, 1999.

_____. **O animal que parou os relógios**. Editora Annablume, 2009.

BARBERO, Jesus Martín. **Dos meios as mediações**: Comunicação cultura e hegemonia. Editora UFRJ, 2009.

BARBROOK, Richard. **Futuros imaginários**: das máquinas pensantes à aldeia global. Editora Peirópolis, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulação e Simulacro**. Editora Relógio d'água, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutividade Técnica**. Brasiliense, 1994.

_____. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**. Editora Cultrix, 1986.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Editora Brasiliense, 1996.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão Digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo**. PUC, 2007 (tese de doutorado).

CHINNOY, Ely. **Sociedade**. Uma introdução à Sociologia, Editora Cultrix, 1980.

COMUNIDADE YUBA. **Histórico.** Disponível em:
<http://www2.100nen.com.br/brasil-ya/yuba/historia/rekishi_por.html>. Acesso em:
19 abr. 2012.

_____. **Descrição.** Disponível em:
<<https://www.facebook.com/ComunidadeYuba?fref=ts>>. Acesso em: 10 set. 2012.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Ebooksbrasil, 2003.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do Trabalho Social.** Martins Fontes, 2008.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **O Processo Civilizatório.** Uma história dos costumes, Jorge Zahar Editor, 1990.

FLUSSER, Vilém. **A Escrita:** Há futuro para a escrita? Editora Annablume, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Jorge Zahar, Editor, 2002.

_____. **Modernização Reflexiva.** Política, tradição e estética na ordem social moderna. Editora Unesp, 2012.

GORZ, André. **O Imaterial.** Editora Annablume, 2003.

GRUPPI, Luciano. **O Conceito de Hegemonia em Gramsci.** Edições Graal, 1978.

KANZAWA, Lucille. **Yuba.** Editora Terra Virgem, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Forense Universitária, 2006.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MARX, Karl. **O Capital** – Conrad do Brasil, 2003.

_____. **O Capital: crítica da Economia Política.** Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

MORIN, Edgar. **Cabeça bem feita**. Repensar a forma /reformatar o pensamento. Bertrand Brasil, 1999.

_____. **O método**. A natureza na Natureza. Publicações Europa-América, 1977.

Nakamura, André Luis. **Uma comunidade unida pela comunicação e imaginação: a comunidade Yuba e sua relação com o ciberespaço**. São Paulo, CoMtempo, ISSN 2176-6231, Vol.3, N°2 (2011).

OGUSICO, Larissa Tsuboi. **167 Dias em Yuba**. São Paulo, Fundação Cásper Líbero, 2011.

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. Contraponto Editora Ltda.,2005.

POULANTZAS, Nicos. **As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje**. Zahar editores, 1975.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Editora Bertrand Brasil S.A., 1995.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Society**. Dover Publications, 2002.

TRIVINHO, Eugênio. **Dromocracia cibercultural**. Editora Paulus, 2007.

YASAKI, Masakatsu. **Informativo interno da Comunidade Yuba**. Dados e informações redigidas e editadas pelo membro da comunidade, na forma de panfleto, 2010.

VEIGA, Edison; SIQUEIRA, Chico. Pedaco do Japão antigo resiste no interior. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 25 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,pedaco-do-japao-antigo-resiste-no-interior.542682.0.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2010.